

ANO XXXI N 02/03 FEVEREIRO MARÇO 2014

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares



*Comunidades
de Sarajevo*
**Nas feridas
da História**

**Movimentos
em diálogo**
Um recurso
para a Europa

**Minoti Aram
e Chiara Lubich**
Uma história
que continua

Acima de tudo

«Às vezes, pensando no compromisso de fazer a vontade de Deus, parece-nos que temos que reduzir a nossa vida apenas a uma série de atos perfeitos. Mas não é assim.

Sabemos que Jesus ocupou o lugar que a Lei tinha, no Antigo Testamento. E então, qual é a vontade de Deus que Jesus nos manifesta? Qual é agora a Lei? A Lei está sintetizada no mandamento novo.

Sendo assim, viver a vontade de Deus é viver sobretudo esse mandamento, que deve ser a base de toda a vida do cristão. Por isso, é preciso ligar este ano ao ano passado, que foi o ano da caridade como Ideal. Caso contrário não vivemos de acordo com o pensamento de Deus.

Portanto, o pacto continua atual, assim como continuam atuais todas aquelas práticas [...] que são necessárias para o realizar.

Realizar uma série de atos mais ou menos perfeitos pode ser a vida espiritual de quem não conhece a nossa espiritualidade. Mas, para nós - que recebemos esta graça -, é diferente: é claro que devemos fazer a vontade de Deus no momento presente com todo o coração, a alma e as forças, mas no clima do mandamento de Jesus, sobre a base do amor recíproco. É isto que Jesus quer de nós.



CCHL arquivo

Chiara

Pensamento de Chiara lido pela Eli na 18ª conferência telefônica de Zurique, no dia 20 de novembro de 1980

Rumo à Assembleia

Durante o congresso dos gen, a Emmaus respondeu a uma pergunta sobre a próxima Assembleia da Obra de Maria

Uma outra pergunta que me fizeram em relação à Obra é sobre a Assembleia. [...]

Antes de tudo, eu gostaria de dizer uma coisa: de certo modo criou-se a ideia de que a Assembleia é feita para as eleições. A Assembleia é um momento de reflexão que fazemos, todos juntos, através de um certo número de representantes. [...]

Para que é que nos reunimos? Para ver como é que a Obra caminhou neste último período e o que podemos fazer para que a Obra progrida, ou melhore no período que virá. Considera-se um período de seis anos, porque, nas eleições, elegem-se os principais dirigentes do Centro da Obra, isto é, a Presidente, o Copresidente e os conselheiros gerais, que têm um mandato de seis anos. Portanto, esta Assembleia é feita de seis em seis anos.

No entanto, a Assembleia não é feita só para votar na Presidente e no Copresidente. Isto é só um pormenor. A Assembleia é feita precisamente para olhar para a Obra e dizer: correu bem? Gostaríamos que tivesse sido diferente? Deveremos fazer alguma coisa para que haja alguma mudança nesta Obra? Existe alguma coisa que não gostamos, deveria de ser diferente? etc. Este é o principal motivo da Assembleia. Depois também são

feitas as eleições porque é preciso renovar os cargos, mas esse é um pormenor. Que também é importante, logicamente, porque depois, durante seis anos, aquelas pessoas vão ocupar esses cargos, portanto, isso também é importante.

Então, neste momento prepara-se esta Assembleia, que vai ser em setembro. Durante esta preparação, vocês dizem «mas, ninguém nos pergunta a nossa opinião». Eu estou a perguntar-vos agora: se vocês tiverem alguma ideia, algum pensamento, alguma preocupação pela Obra, alguma sugestão a fazer, façam. Não pensem: mas, agora temos que nos reunir, fazer um encontro para pensar nalguma coisa. É claro que, se mandarem as sugestões para o Centro gen, é mais fácil que eles as reúnam, assim como fizeram com as perguntas, e que procurem ver: se existir alguma que se repete dez vezes, colocam só uma vez, se for a mesma sugestão. Mas este é um modo. Contudo vocês podem enviar tudo o que quiserem e como quiserem. Também pode ser através dos responsáveis das zonas, nas zonas, ou através daqueles que vão participar na Assembleia. A um certo ponto vocês vão saber: este representante vai à Assembleia. Podem dizer:

«Olha, não te esqueças, na Assembleia lembra este problema». Deste modo todos participam e é uma participação conjunta. [...]

Castel Gandolfo, 20 de dezembro de 2013.

Texto retirado da transcrição das respostas da Emmaus ao Congresso dos gen2.



Em profundidade

A socialidade do amor recíproco

**A espiritualidade da unidade é
uma solução para os problemas da
atualidade, desde o seu nascimento.
Um contributo de Iginio Giordani**

Este ano somos convidados a meditar de modo específico sobre um ponto da espiritualidade: o amor recíproco. O que é que Iginio Giordani – o nosso Foco – tem a dizer-nos a este respeito? Em primeiro lugar, é bom saber que Foco nunca tratou dos pontos da espiritualidade com um tema pessoal, e nem ousou comentar aqueles de Chiara. Esta sua prudência não é apenas respeito humano, mas temor de Deus. São muitos os testemunhos do próprio Foco em que reconhece em Chiara não só uma alta interpretação espiritual, mas a força vivificante do Espírito Santo, que transborda e semeia o Ideal na humanidade, tão sedenta de luz e de unidade. Chiara disse sempre que ele tinha o «desígnio» desta humanidade, portanto imaginamos que, sobre o amor recíproco, Foco devia ter algo de original para nos contar. Na ausência de um tema seu, durante os recentes retiros realizados no Centro, foi feita uma revisão de alguns momentos importantes da sua experiência de focolarino, ao lado de Chiara, enriquecida por trechos de áudio e vídeo inéditos (disponíveis no Centro Iginio Giordani para quem o quiser solicitar).

Com a sua enorme preparação humana ele conseguiu, sobretudo nos inícios do Movimento, esclarecer a natureza da realidade do focolar a quem não a conseguia compreender. Em 1949, o bispo de Trento – D. Carlo De Ferrari – queria enviar aquele pequeno grupo

de jovens, que tinha surgido ao redor de Chiara, para o convento. Nessa altura foi ter com ele o deputado Iginio Giordani, parlamentar e escritor católico, que era casado, pai de quatro filhos, e era uma pessoa muito conhecida: enfim, alguém que não poderia ser fechado num convento! O bispo zangou-se com Foco e, por amor à verdade, Chiara interveio pessoalmente para o defender. Assim nasceu um relacionamento entre o bispo, Foco e as focolarinas, cada vez mais estreito, a tal ponto que D. De Ferrari respondia às cartas de Foco assinando como «focolarino honorário» e às vezes eliminava até o título de «honorário» e definia-se só como «focolarino».

Uma outra circunstância para compreender o desígnio da humanidade em Foco aconteceu nos meses sucessivos, no Paraíso de '49,

quando Chiara fez a experiência de ser completamente arrebatada para o Céu e parecia decidida a deixar a vida ativa no Movimento para se dedicar à contemplação mística. O testemunho de Foco daquele episódio (gravado em áudio) é, de certa forma, dramático: Foco tinha procurado sempre uma forma de vida religiosa que pudesse conciliar a consagração a Deus e a vida cotidiana do homem comum, que está inserido nas tarefas de casa, do trabalho, da existência humana. Em Chiara e no Ideal ele tinha encontrado tudo isso, mas naquele momento a escolha de Chiara parecia-lhe que seria dar um passo atrás, ainda em consonância com a divisão entre a vida consagrada e aquela do trabalho civil. Coube precisamente a ele recordar a Chiara que ela tinha sempre indicado Jesus Abandonado como esposo de quem escolhe o focolar, e que, na humanidade, estava – para ela, naquela separação – a presença de Jesus Abandonado, que pedia um amor especial e um regresso ao mundo. Por aquela circunstância especial, Chiara teve a inspiração que a levou a escrever a meditação intitulada «Tenho um só esposo sobre a Terra».

Através do Ideal, Foco encontrou a sua autêntica vocação, aquela que tanto tinha procurado durante a juventude, quando tinha

feito outras experiências espirituais importantes, mas não decisivas para a sua existência (terceiro dominicano, a espiritualidade inaciana, as espiritualidades canossiana e das filhas da Igreja, etc.). Tendo feito a escolha que o levou a tornar-se o primeiro focolarino casado, entregou-se com todas as energias ao serviço do Movimento que estava a nascer. Queria trabalhar para que todos o pudessem conhecer e, em 1962, numa entrevista para a rede nacional italiana, foi possível divulgá-lo pela televisão. Foco falou como «professor», e disse que estava a surgir no mundo uma juventude que realiza «obras de misericórdia» (de acordo com a linguagem daquela época) colocando-se a ouvir o outro, renegando ao próprio eu para dar lugar só ao próximo a ser amado, e que assim se realiza a unidade. Ele descreveu esta vida como a única solução para os males da nossa sociedade, que são o desespero e a solidão. São palavras de há cinquenta anos que ainda agora ecoam com toda a atualidade. Não pode ser de outro modo: o amor recíproco que Chiara nos ensinou torna-se história na nossa vida e faz da humanidade, aquela representada por Foco, uma realidade a caminho, rumo ao «*Ut omnes unum sint*».

Alberto Lo Presti

Um livro esperado

Está para sair o livro de Iginio Giordani - *história do homem que se tornou Foco*, de Tommaso Sorgi.

Vinte anos de intenso trabalho. Uma pesquisa tão inspirada como pormenorizada. Uma sintonia espiritual entre o autor e a personagem única de Foco: tudo isto serve para definir o livro escrito por Sorgi e publicado por Città Nuova. Para dizer a verdade, a ideia deste trabalho não foi sua mas de Chiara Lubich, que no distante ano de 1985 pediu a Tommaso para dirigir o nascente Centro Iginio Giordani, para começar o tra-

balho de arquivagem e escrever uma biografia sobre ele. O resultado foi um volume importante, baseado na minuciosa análise dos dados históricos, mas com a capacidade de voar alto, para além da história, dos acontecimentos, das aventuras, para entrar no mistério de um desígnio totalmente ao serviço da Humanidade e da Igreja, preparado para o encontro decisivo, que Foco teria com Chiara em 1948.



Em Trento

A 70 anos daquele «Sim»

Na cidade que assistiu ao nascimento do Ideal da unidade, um encontro aberto, com a participação de algumas instituições.

Ao programar a vida e as atividades do ano, pensámos que em Trento, o dia 7 de dezembro deveria ter um realce especial.

Desde logo envolvemos a comunidade para pensar naquilo que poderíamos oferecer, como uma prenda à cidade, nesta data, que não queríamos que fosse uma simples comemoração.

Éramos 22 pessoas de todas as vocações e idades: cada um sentia o acontecimento como seu e, numa troca rica e vivaz de propostas, preparámos o programa, num clima de verdadeiro amor recíproco.

Durante a preparação guiou-nos uma frase de Chiara: “ tudo começou com um programa muito específico: queríamos contribuir para a resolução do problema social da cidade”.

O programa articulou-se em quatro “painéis”, simbolizando a encarnação do carisma: os pobres, a economia no tempo de crise, a cultura iluminada pela vida do Evangelho, uma cidade incendiada pelo amor de Deus.

As experiências que escolhemos queriam

expressar mesmo aquele “contribuir” e foram contadas por pessoas de diferentes convicções, alunos das escolas, membros de várias associações.

Os representantes das Instituições, alguns dos quais tinham sido envolvidos por Chiara, em 2001, no projeto de Trento Ardente, foram parte ativa no programa, de acordo com as próprias competências.

A Província, a Câmara, a Federação das Cooperativas e a Região disseram que se sentiam honradas em dar um patrocínio e apoiar todas as despesas.

Chiara, do Céu, neste 7 de dezembro, fixou de novo o seu olhar sobre Trento.

No Auditório Sta Clara estavam 600 pessoas que percorreram o fio de ouro - também com trechos de Chiara -, que liga estes 70 anos.

A vocação especial desta cidade veio em evidência, para as pessoas novas. E a Obra demonstrou, em pequena dimensão, ser aquele contexto, graças ao qual as pessoas não encontram o Movimento, mas Deus através dele, como nos desejou a Emmaus com a sua mensagem

em vídeo, que tocou a sensibilidade dos trentinos.

O anúncio dado sobre o pedido de início



da causa de beatificação de Chiara, repetido amplamente por todos os jornais e pelo telejornal regional, foi recebido, na sala, com um aplauso estrondoso.

Também o Arcebispo de Trento, D. Bressan, depois de recordar o período em que a Obra esteve em estudo, «manifestou a sua alegria pelo início do processo para a canonização».

E acrescentou: «o melhor modo para homenagear Chiara Lubich, não é tanto o comemorar, mas assumir a missão que ela nos revelou para que a fraternidade trazida pelo Evangelho seja compreendida e vivida por todos. Um obrigada vivíssimo, da minha parte e também de toda a Diocese, a todos os que – do Movimento dos Focolares – nos apoiam para que nos deixemos incendiar pelo amor que Cristo veio trazer ao mundo».

Os representantes da Universidade, Câmara, Província, Região, Cooperações, nas próprias intervenções, declararam, em diferentes modos, que se sentiram inspirados para actuar a fraternidade.

O prof. Andrea Leonardi, docente de História da Economia, na Universidade de Trento, dirigindo-se à comunidade trentina e à comunidade do Movimento dos Focolares, exprimiu-se do seguinte modo: « não tenham receio de se confrontarem, não procurem uma resposta olhando simplesmente para dentro de vós mesmos. Tenham a coragem de se abrirem à comunidade internacional... procurem



ser abertos até relativamente à cultura que não tenha uma inspiração de natureza religiosa, que não é motivada por razões de fé. Sem dúvida que, juntos, se poderá construir uma sociedade onde a Cultura com C maiúsculo será uma passagem de reforço da fraternidade, na família humana».

O Presidente da Câmara, respondendo a uma pergunta: «como se vive sendo Presidente da Câmara na cidade de Chiara», falou de uma cidade «que arde», não só acesa pelo amor no sentido espiritual, mas no sentido mais leigo, «apaixonada»: apaixonada pelos valores que são seus, apaixonada pelo acolhimento, pela vontade de encontrar, de dialogar, de construir algo de bonito e, ao mesmo tempo, positivo e falou ainda do seu sonho de que Trento se torne cidade de relacionamentos: relacionamentos apaixonados, ardentes.

Muitos, incluindo todos nós, saímos daquela sala com o desejo e o compromisso de «recomeçar» hoje, cada um segundo o seu próprio percurso, para sermos construtores da fraternidade.

A comunidade de Trento



A comunidade de Sarajevo

O milagre da convivência

Viagem a um País que tem dificuldade em renascer das destruições da guerra.

A nossa viagem a Sarajevo começou no dia 29 de novembro com uma Missa por Josip Stijepic, médico e um membro muito querido de Famílias Novas, que morreu no ano passado. Católicos, muçulmanos, ortodoxos, não crentes, todos amigos e conhecidos de Josip e da sua família, testemunhavam a sua constante doação e incansável atividade nos quatro anos de cerco à cidade, quando arriscava a vida, desafiando muitos perigos para socorrer os feridos e, quando acabou a guerra, ajudando as pessoas a vencer os traumas espirituais.

No dia seguinte, numa linda sala do convento dos franciscanos, tivemos o encontro com jovens e adultos católicos, muçulmanos, não crentes, ortodoxos. Estavam presentes também um sacerdote e algumas religiosas. Era um milagre de uma só convivência nascida do amor que todos têm por Chiara e pela sua espiritualidade aberta a todos.

Estas pessoas sinceras, de carácter forte, estão quase todas marcadas pelo sofrimento e pelas provas traumatizantes e trágicas da recente guerra. E a atual situação política dá poucas esperanças para um futuro próximo que não tenha miséria, emigração, discriminação, e

divisões internas. De facto, antes da guerra, havia nesta cidade uma convivência pacífica entre pessoas de diferentes culturas, entre sérvios ortodoxos, croatas católicos e muçulmanos. A própria capital está dividida, uma parte é sérvia e uma parte bósnia. A população croata, que é uma minoria, é discriminada e não é fácil o acesso aos cargos mais importantes da sociedade. Aqui existe a pobreza, uma taxa de desemprego de 40 %, nos últimos anos, uma emigração contínua e o êxodo de muitas famílias. Outra chaga é a presença de jovens que não têm trabalho e muitos acabam por se drogar.

Durante a nossa permanência lá, tivemos ainda a possibilidade de encontrar o cardeal Vinko Pulic que, apesar de ter chegado recentemente de Roma, quis estar connosco e ficou durante cerca de uma hora. Falou-nos sobre a situação atual e sobre o difícil contexto em que se encontra a Igreja. Falou do seu relacionamento fraterno com os sacerdotes e com os religiosos, para os quais deseja uma maior abertura aos Movimentos.

O encontro, com cerca de quinze jovens, feito na casa da família de Josip, foi muito bonito, pela atmosfera de grande atenção e pelas perguntas profundas que fizeram. Tivemos até um encontro com diálogo, que foi

UMA IMAGEM QUE SE TORNOU SIMBÓLICA. 6 de abril de 2012, vinte anos após o início do cerco de Sarajevo, milhares de bósnios juntaram-se ao longo da rua principal da cidade, para assistir a um concerto diante de 11 541 cadeiras vazias, tantas quantas as pessoas que foram mortas pelos sérvios nos anos da guerra na Bósnia.





mais uma partilha, entre alguns que já tinham estado em encontros precedentes e outros que vinham pela primeira vez. Contaram as próprias experiências. Perguntaram-nos como podiam avançar e envolver pessoas da família, os seus amigos e pessoas dos próprios ambientes de trabalho.

Tima, uma aderente muçulmana, mãe de três filhos, contou que, entre os seus parentes, foram assassinados 18. Mas, pelo relacionamento pessoal que teve com Chiara, sentia que devia perdoar.

«Chiara - confiou-nos - mudou a minha vida». Agora tem um filho que é imã, vive na Áustria e é responsável por 300 famílias, outro estuda para se tornar imã: todos foram preparados por ela que, com o seu marido Sabit, é

A força de Cristo na comunidade

«Esta experiência, de morte e ressurreição, é mais facilmente possível em nós pela nossa vocação comunitária, porque vamos juntos em direção a Deus. Nós nunca seremos capazes de avaliar a ajuda que recebemos dos irmãos, sem nos darmos conta. Quanta coragem nos transmite a fé deles, como é caloroso o amor dos irmãos e como nos fascina o seu exemplo! Nunca conseguiremos calcular a força que nos vem da presença de Cristo na comunidade».

Chiara Lubich

De L'unità e Gesù abbandonato (A unidade e Jesus abandonado), Città Nuova, Roma, 1984, p.93, referido também em Chiara Lubich – O amor recíproco, Città Nuova, Roma, 2013, p.99

responsável dos muçulmanos da cidade bósnia de Tuzla. Para ela são preciosíssimas as cartas que Chiara lhe enviou pessoalmente.

Zdravka Gutic, ex vice presidente da Câmara, que tinha participado no encontro do IVº diálogo, em Castelgandolfo, deu um forte testemunho de como reencontrou, depois da Jornada de Juntos pela Europa, em Estugarda, o sentido da própria vida.



Os dias em Sarajevo foram um contínuo relacionar-se com esta querida comunidade. Infelizmente, para eles, os meios económicos para poder sair do País e para comunicar são muito escassos (são poucos os que se podem ligar por internet, e telefonar é muito caro) por isso a formação poderia ser feita através de viagens mais frequentes, focolares temporários e a presença de famílias do Movimento vindas da Croácia, que puderem passar lá alguns dias. O empenho das focolarinas de Spalato, nestes anos passados, foi e é admirável. As viagens são muito difíceis e muito longas, mais de seis horas de carro.

No dia da partida fomos rezar ao túmulo de Josip, com a sua mulher e filhos, no grande cemitério no centro da cidade, (o ex-estádio transformado em cemitério durante a guerra), enquanto os membros da comunidade voltavam para Spalato, para continuar e alimentar a vida iluminada pelo amor evangélico.

Fonte Mantovani, Giuseppe Di Giacomo

Congressos gen2 mundiais

Um ponto de partida

Depois de quatro anos, mais de mil gen2 de todo o mundo participaram nos Congressos internacionais realizados em Castel Gandolfo no fim de dezembro. «Por isto reconhecerão» foi o título dos dois encontros



Através de *workshop*, aulas e experiências, os congressos revelaram uma vida gen que explode. Vinha-se de todos os lados e, se não tinha sido possível viajar, chegavam os vídeos com experiências e saudações, por internet, que traziam a presença de muitos outros gen no mundo inteiro. As visitas dos primeiros focolarinos, o concerto do Gen Verde e o serão com o Gen Rosso, foram verdadeiras pérolas nos congressos.

Em ambos os congressos, os momentos com a Emmaus foram centrais e muito esperados. Os temas abordados em ambos evidenciaram uma grande vitalidade. As perguntas iam desde a vida gen ao United World Project, a Assembleia da Obra e o tema da mulher, o Papa Francisco, os desafios da juventude, a nova configuração e muitos outros aspectos.

Um programa variado que refletia uma vida articulada: por isso o Centro Mariápolis foi aproveitado ao máximo, literalmente «invadido» com os *stands* e os *workshop*. Havia atividades em todas as salas, com programas simultâneos, alguns em italiano e outros em inglês.

A preparação começou por uma pergunta: como realizar congressos que sejam feitos por todos? Procurou-se a resposta conjuntamente com os gen e as gen de todo o mundo. Os centros gen e a secretaria dos Jovens por um Mundo Unido pensaram num programa que contivesse as muitas ideias que chegaram. O resultado deste desafio: dois congressos feitos e vividos em equipe com

a colaboração das Zonas, de outras realidades da Obra e de todos os gen que se ofereceram para fazer qualquer coisa.



Natal de 2013. Os gen2 no focolar do p. Foresi

Para alguns era o primeiro congresso, outros viveram-no como o último passo da sua etapa com os gen. O que fica de uma experiência destas? Os relacionamentos.

Para alguns foi importante «ver a ligação entre aquilo que estudamos e o Ideal».

Mas aquilo que disse Johnny, do Egito, resume talvez todas as impressões: aquilo que fica «é a unidade entre todos, que me dá a força para continuar a vida como gen».

Uma gen disse: «O congresso foi um momento fundamental. Pareceu-me ter carregado a tecla “pausa” durante três dias, na corrida frenética deste período cheíssimo.

E agora existe a consciência e o desejo de carregar no “start”. Percebi que a mudança se deve fazer, antes de tudo, em mim mesma».

Os gen na escola da unidade

Poder passar os dias de Natal com aqueles que ficaram, depois de acabar o congresso, para viver a experiência da Escola foi mesmo uma prenda para todos! Éramos 20, do Equador, Argentina, Brasil, Argélia, Líbano, Burundi, México, Camarões.

Tivemos a sorte de nos encontrar com quatro dos primeiros focolarinos: Fede Marchetti, Marco Tecilla, Peppuccio Zanghi e Bruna Tomasi – cada encontro foi um tesouro de comunhão, que nos levou a novas escolhas verdadeiras e profundas. No dia de Natal estivemos no focolar do p. Foresi! Uma outra prenda foi a Missa com as duas Casas-verde com a presença dos focolarinos doentes e idosos. Alguns deles tinham sido nossos assistentes gen4 ou delegados de Zona.

Foi uma escola «de vida para a vida». Assim o exprimem também estas impressões: «O Peppuccio ajudou-me com os seus desafios. Quero ser um gen radical». «Na segunda aula de Paraíso fiquei muito impressionado quando Chiara falou de Deus Trindade e pensei nos dois gen muçulmanos aqui presentes: quem sabe o que vão perceber... Mas Chiara, a seguir, disse

que os gen de outras religiões podem pedir a Deus a graça de compreenderem aquilo que Ele lhes quer dizer». «Quando fomos visitar a casa de Chiara entrámos na sua intimidade. Era como se ela ainda estivesse viva, connosco. E hoje, antes da aula do Paraíso fortalecemos a sua “presença” com o Pacto».

Momentos especiais com as gen

No terceiro dia do congresso das gen fomos todas a Roma assistir à Missa em São Pedro, celebrada para nós pelo cardeal João Braz De Aviz. Depois houve uma saudação especial do Papa no Angelus. Estar naquela praça com mais de cem mil pessoas foi sentir-mo-nos unidas a toda a Igreja! Nas catacumbas, renovámos o Pacto, de um modo solene: aquele local, que nos recorda-



va a radicalidade dos mártires de Roma, davamos a medida de «como» nos devíamos amar.

No fim do congresso, antes de partir, uma pequena prenda: cada uma recebeu um lápis colorido (antes do Natal tinham oferecido mais de 600 ao Centro Gen) para «escrever uma nova história, a história que nasce do amor recíproco para gerar povos novos».

Depois do congresso, de 30 de dezembro de 2013 a 7 de janeiro de 2014 decorreu a escola gen itinerante (em Loppiano, Trento, Fiera di Primiero e Rocca di Papa) para as 54 gen de vários continentes, também a Europa, com um momento especial: a entrega dos Estatutos da Obra.

Stella Cheng, Joaquin Salzberg

Na escola da Trindade



Três encontros internacionais em Castel Gandolfo e muitos outros nas Zonas. Os desafios de uma vocação radical

possível sentir-se num pequeno grupo, mesmo quando eram 1.200 e falava-se livremente, a ponto de se poder dizer: «É verdade, somos uma família, confiamos uns nos outros».

Nesta atmosfera, no 70º aniversário do Movimento, as palavras do «Sim» de Chiara tiveram um efeito particularmente forte na alma de cada um.

São muitos os desafios. Temos diante de nós um caminho que nos leva às periferias longínquas e próximas, até dentro de nós mesmos. Jesus no meio é a segurança para enfrentar o ano que nos espera com confiança e otimismo.

O que foram estes retiros? Foram o fruto de um trabalho feito durante o ano para aprofundar a vocação da focolarina e do focolarino, e que continuará, revendo os aspectos da nossa vida. Foram também o fruto de uma profunda reflexão: ver como foram os nossos relacionamentos, durante o ano, e o que nos diria hoje Jesus.

Serenella Silvi, Hans Jurt

A experiência feita nos retiros no Centro, tornou ainda mais forte a unidade entre as focolarinas e os focolarinos e o grande número dos que vieram de continentes não europeus, fez-nos sentir mais como nossos os desafios que eles enfrentam. O primeiro e terceiro encontros tiveram a característica da mundialização (484 presenças dos diversos continentes, não europeus), o segundo, quase inteiramente europeu, pôs em evidência a riqueza da dádiva recíproca entre focolarinas e focolarinos de Igrejas diferentes.

Em todos os retiros, a presença da Emmaus trouxe uma nota de sabedoria e frescura que atraíu muitas graças. Veio em relevo a beleza da vocação do focolarino e a sua específica função. A Emmaus encorajou todos a fazer com que a vida do focolar seja, não só vivível, santificante e imitável mas também «atraente», que se comece um ano de agradecimento, que nos lembremos também daquelas pessoas que «se afastaram», pelo bem que fizeram.

A profunda comunhão que sempre existiu, fez com que fosse





As palavras da Emmaus

O focolar: um coração que bate

«Dissémos muitas vezes que o focolar é como o coração, um coração que bate, este coração que está escondido. Alguém disse: afinal, o coração é um músculo. Pois, sem dúvida, é um músculo. Há muitos músculos no corpo, um deles é o coração, e é um músculo escondido. No entanto tem uma característica própria, que alguém me fez notar. Isto é, é o único músculo que não pode conceder a si mesmo, nem sequer um instante de descanso, porque se descansar um momento, o corpo morre.

Portanto o coração da Obra de Maria, que é o focolar, não pode conceder a si mesmo nem um momento de descanso. O que quer dizer? Quer dizer nunca baixar o termómetro da caridade recíproca; tudo o resto pode-nos ser permitido: podemos ter férias, podemos jogar, ir às vezes ao cinema ou ao restaurante juntos. Podemos permitir-nos tudo, mas não nos podemos permitir a falta da caridade entre nós, porque se não morre o corpo». Percebem que é grave? Isto é, não morremos só nós, morre o corpo».

7 de dezembro 2013

Um ano de agradecimento

«Numa cartinha que me escreveram estava: “Se no ano passado fizemos um ano jubilar, um ano em que nos perdoámos, em que nos re-

conciliámos, um ano em que descobrimos este valor do amor, façamos deste ano um ano de agradecimento”. Estão de acordo?

Na base do que dissemos sobre o amor recíproco, que seja um ano em que cada dia acordamos de manhã e dizemos:

“Agradeço-Te por me teres criado”. Depois: “Agradeço-Te por me dares este irmão; agradeço-Te por me dares esta ocasião para te amar...” e: “ agradeço-te, agradeço-te, agradeço-te!”. Que seja um ano de gratidão a Deus e aos próximos, e será um ano de amor e de alegria».

14 de dezembro 2013

Fazer com que se veja o Paradiso

«“Ser Jesus”, é esta a nossa vocação. Ser Jesus como? Na doação recíproca de toda a nossa vida, no focolar, na partilha entre todos, de modo tão intenso, tão profundo, numa fraternidade tão totalitária, tão completa que nos faça experimentar, sobre a Terra, a possibilidade da vida do céu, aquela vida da Santíssima Trindade que queremos dar, que queremos ter entre nós para a poder testemunhar aos outros. A nossa vocação é fazer com que o Paraíso se veja. Se assim for, há uma necessidade extrema de uma vocação assim».

6 de janeiro de 2014

Algumas impressões: «... no coração só o desejo de responder até ao fim a uma chamada de Jesus tão grande: construir lugares sagrados onde a vida de Deus mora, na Terra, para abraçar a humanidade e dar-lhe luz e calor...». «... a experiência na escola da Trindade, neste ano do amor recíproco, deveria levar-nos a uma unidade entre gerações onde todos se sintam, em diferentes momentos: pais, filhos, irmãos».

Pode-se dizer que a maior riqueza dos retirados é o de fazer com que a Obra seja cada vez mais a nossa casa, a casa da Santíssima Trindade e isto pelo amor recíproco.

Serenella Silvi, Hans Jurt4

Voluntárias e voluntários

«Servir Deus na humanidade»

Quase trezentos delegados dos voluntários e das voluntárias para um encontro de verificação, diálogo, comunhão



«*Ir para fora com Jesus no meio*» – com estas palavras da Emmaus começámos o Encontro anual, no Centro, dos 300 responsáveis de zona e zonetas, vindos de todo o mundo.

O encontro foi precedido de três dias de pré-encontro (de 18-20 de novembro de 2013), feitos, distintamente nos dois Centros, com 100 responsáveis, sobretudo dos continentes. Dias de verificação, de diálogo, de partilha profunda, quer pessoal quer sobre a vida do Centro e das Zonas. Foram dois os momentos especiais: o encontro e a saudação da Emmaus, no Centro da Obra, a audiência com o Papa, na Praça de S. Pedro.

Forte e incisiva a breve mensagem da Emmaus: «*Aproveitem estes dias para se treinarem a viver a espiritualidade coletiva! Tenho um pensamento que me vem na alma. Vocês sabem como eu insisto sempre que devemos ir para fora, que devemos ir na direcção das periferias existenciais. Mas mesmo isto, em alguns momentos, faz-me sentir a responsabilidade deste convite, deste lançamento porque eu sei que não é fácil. E sei*

que não temos a graça de enfrentar as periferias existenciais com uma espiritualidade individual. Porque Deus deu-nos uma espiritualidade coletiva. Por isso, se nós não aproveitarmos desta espiritualidade coletiva, vocês já perceberam que perdemos, perdemos, somos derrotados. Por isso digo: devemos ir para fora, devemos ir em direcção a essas periferias, mas com Jesus no meio, testemunhando o Amor Recíproco».

Depois da saudação da Emmaus, que deu a “nota” ao encontro, a Darci Rodrigues e o Gusti Oggenfuss fizeram-nos entrar nas novas dinâmicas da «Obra hoje» com uma atualização completa da vida e com o vídeo da Palmira Frizzera. Para além dos aspetos «técnicos»: «agrupamentos» e «novas configurações», percebemos que o Espírito Santo está a guiar a Obra. Todos se sentiram envolvidos, como verdadeiros protagonistas na nova configuração e empenhados a responder aos desafios que o mundo atravessa.

As respostas de Chiara sobre «O amor recíproco», o tema do ano da Emmaus e os pensa-





mentos de Foco, deram um novo fogo à nossa vida com Jesus no meio. Nesta atmosfera de unidade aprofundaram-se algumas temáticas: Maria Ghislandi e Paolo Mottironi sobre o nosso «ir para fora» com as «comunidades locais» e as «periferias existenciais», Annamaria Sanità e Domenico Mancinelli sobre o nosso empenho e a nossa vida em Humanidade Nova.

Tudo foi acompanhado por numerosas experiências fortes de voluntários, pelo testemunho dado na sociedade e também intensas e comoventes pelo heroísmo vivido nas «zonas de fronteira» com perigos e conflitos contínuos.

Foram importantes os esclarecimentos sobre a Assembleia Geral da Obra e sobre a Assembleia dos voluntários.

Nos diálogos profundos e nos encontros de grupo viveu-se a experiência de uma verdadeira reciprocidade, dada a partilha que daí nasceu, o confronto sobre a «nova configuração» da Obra e sobre as Assembleias. Experimentou-se, com alegria, a beleza de se pertencer a uma única família planetária.

No sábado de manhã, Giancarlo Faletti veio ver-nos trazendo-nos a unidade da Emmaus e de todo o Centro da Obra. «A sua vinda – como escrevemos à Emmaus – irradiou afeto, transmitindo-nos confiança e a consciência da força do amor de Deus, que se incarna na nossa vocação radical, entre as pessoas, em todos os ambientes, a cada momento».

Profundas e concretas as impressões das e dos responsáveis, de que fazemos uma síntese, que exprime o que foi vivido por todos:

Polónia: «Temos o tesouro, temos o carisma de Chiara, e somos devedores destas riquezas. Devemos ouvir o grito do mundo de hoje que tem fome de Deus! Não devemos só viver, mas dar o Ideal ao mundo».

Austrália: «Há anos que sou responsável dos voluntários, mas hoje sinto que devo começar do princípio. Rever todos os relacionamentos... como novos».

África: «Quero partir indo para fora em direção às “primeiras periferias”, testemunhando o amor recíproco, que é o primeiro requisito para o “Ut omnes”. Agradeço a Emmaus pelo tema do ano e pela nova configuração da Obra. Com a “pirâmide invertida” vamos para a frente...».

Brasil: «As palavras de Chiara deram-me ainda mais a certeza da potência do Carisma: são palavras eternas».

Japão: «Muitas vezes sentia os meus limites e temia que se apagasse, nos nossos corações o fogo do Ideal, mas, experimentando o amor recíproco tão forte, entre nós, tive a luz e a coragem para recomeçar e para me lançar para a humanidade. Vivendo “na escola da Trindade” temos a certeza que O Espírito Santo nos guiará no futuro da Obra».

Sim, podemos dizer que o Espírito Santo operou profundamente em cada um.

Como escrevemos à Emmaus, «pareceu-nos um encontro novo, à procura da verdadeira luz, a de Jesus no meio que ilumina a nova realidade da Obra hoje».

Maria Ghislandi, Paolo Mottironi

Sacerdotes e diáconos focolarinos e voluntários

Lançarmo-nos para «fora», juntos

«Arriscar mais para dar o Carisma, crescer nas acções concretas, encontrar formas de atuação». O empenho dos 800 participantes no encontro de Castel Gandolfo

«O trabalho de Deus», «energia nova», «escola da Trindade», «sair para testemunhar o que vivemos»: foram alguns dos ecos do retiro anual que reuniu, de 14 a 17 de janeiro, 800 sacerdotes e diáconos, focolarinos e voluntários, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo. Foram três os motivos pelos quais realizámos o encontro em conjunto, com momentos em que estávamos todos juntos e outros em separado, como já tinha acontecido em 2011: a Assembleia da Obra no próximo mês de setembro; a preparação



que se deseja venha cada vez mais em evidência nas zonas: estar mais «dentro» para irradiar mais «fora».

Mas a realidade que mais nos tocou e, em certo sentido, nos apaixonou, foi a viragem que toda a Obra está a fazer neste momento. A Emmaus e o Giancarlo, num momento inesquecível, colocaram-no-la no coração como uma «passagem»

de um encontro para seminaristas, sacerdotes e diáconos jovens em agosto, em Loppiano; a necessidade de fazermos, em conjunto, o ponto da situação de duas realidades em que trabalhamos juntos para a irradiação do carisma da unidade nas Igrejas locais: os Movimentos Paroquial e Diocesano e o Movimento Sacerdotal.

Todo o encontro teve como pano de fundo a reciprocidade entre sacerdotes e diáconos voluntários e focolarinos. Foi grande o sentido de «família» entre irmãos unidos pelo Ideal e pela chamamento comum ao ministério, realidade

de Deus, que nos desafia não só a «reorganizar» a nova configuração da Obra, mas a «reordenar», antes de tudo, os nossos corações e os nossos relacionamentos, sintonizando-os com o hoje de Deus. O suficiente para nos fazer sentir que esta etapa da Obra não é «carisma» a menos, num determinado tempo, mas sim uma chamada para todos a uma maior participação e responsabilidade. «Sair» de nós para dar aquilo que a humanidade de hoje espera: Deus, nada mais que Deus, fonte da fraternidade a nível planetário que é a verdadeira expectativa das pessoas.

Por isso, duas expressões - palavras da Emmaus e do Giancarlo - tomaram uma cor e um impulso especial: «alargar o coração», «deixar passar...». Deixar passar um «tesouro» que deu e dá uma forma nova à nossa vida e nos impele a olhar para a Igreja e para a humanidade com o coração de um Deus que é Pai!

E isto numa altura extraordinária de coincidência entre as novas ideias trazidas pelo carisma de Chiara, e a reflexão-meditação que o Papa Francisco confiou à Igreja: a Exortação *Evangelii gaudium*. Alguns dos seus principais excertos ressoaram em nós como um poderoso convite do Espírito para não deixarmos “roubar” o que temos de precioso: o Evangelho. Muito comovente é a forma como o Papa vê no centro da «boa notícia» o mandamento novo de Jesus, revelando assim, de uma maneira nova, o «serviço» típico que somos chamados a desempenhar na Igreja e para a Igreja. O amor recíproco, como base dos relacionamentos

personais e de todas as atividades pastorais.

Com esta luz demos um amplo espaço aos Movimentos Paroquial e Diocesano e ao Movimento Sacerdotal, expressões específicas do nosso «sair», para fazer resplandecer na Igreja e nas suas estruturas a presença viva de Jesus.

A intervenção dos Movimentos Paroquial e Diocesano, através de uma enorme quantidade de experiências, evidenciou múltiplos meios de irradiação do carisma da unidade nas paróquias e dioceses.

O Movimento sacerdotal vai-se desenvolvendo cada vez mais de acordo com os três círculos concêntricos de empenho e de iniciativa: da unidade entre sacerdotes voluntários e focolarinos até ao acompanhamento dos aderentes, ao serviço às Igrejas locais e ao início dos «mundos» eclesiais.

Teve um eco enorme e uma imediata adesão a apresentação do encontro «Networking» para seminaristas e jovens sacerdotes (ver caixa p.18). Foi o auge daquela onda de «juventude» que se sentiu, como nunca antes, neste retiro.

«Chegou a hora de nos lançarmos para fora» tinha dito Chiara em fevereiro de 1988 aos Centros Sacerdotais: parece-nos um convite extremamente atual! «Arriscar mais para oferecer o carisma», «dar o Ideal sem medo», «crescer na ação concreta», «encontrar formas de atuação», concluíram os sacerdotes e diáconos, sentindo-se encorajados a tornarem-se mais pro-ativos e a ser uma dádiva para a Igreja.

P. Tonino Gandolfo, P. Hubertus Blaumeiser



Congresso das unidades gens

Apostar na vida

No Congresso das unidades gens experimentou-se o Amor e sentiu-se uma nova chamada à unidade

Para os 40 participantes foi precioso perceber, a partir da Exortação *Evangelii gaudium* do Papa Francisco, no primeiro dia (27 de dezembro), como o Evangelho unifica a nossa vida e nos leva a ir para fora, em direção às periferias.

As meditações sobre o tema do ano, feitas em três ocasiões, apresentadas por sacerdotes e religiosos do Centro, permitiram criar um diálogo e por isso ir em profundidade. As experiências, especialmente as que foram contadas por Costanza Tan e Jorge Lionello Esteban, que falavam da Obra hoje, suscitaram a vontade de encarnar o Ideal na própria vida.

O encontro com a Emmaus foi decisivo. Colocando em destaque o contributo específico dos gens, fez-nos sentir parte importante da «casa» da Obra. Deu uma reviravolta na vida da unidade, convidando-nos a não ficarmos parados

no «encontro», mas a apostar na «vida». Muito esclarecedora foi também a resposta acerca dos gens que depois de ordenados sacerdotes, perdem o contacto com a Obra. «Penso que é necessário ir à raiz deste “perder-se”, disse a Emmaus, acentuando que não sucede só aos seminaristas e sacerdotes, mas também aos leigos que a uma certa altura «se deixam influenciar por tantas coisas, pela “mundanidade”, como diz o Papa». Pode acontecer também que a própria atividade pastoral, sem se aperceberem, os faça perder de vista o Ideal, talvez o grupo de jovens que está a responder muito bem: «Assim estes jovens tomam o lugar de Deus». O momento alto do Congresso foi a Missa de conclusão com os três «pactos»: misericórdia, amor recíproco e unidade. A alegria e a comoção foram grandes.

Como fruto destes dias esplêndidos, foi criada uma *mailing-list* para fazer circular as experiências, intitulada *Vita_gens*.

p. Alexander Duno



Net-working

Net-working • Igreja nos relacionamentos é o título de um encontro para jovens sacerdotes e diáconos, seminaristas e jovens orientados para o sacerdócio. Realizar-se-á de 19 a 22 de agosto de 2014 em Loppiano, por iniciativa dos gens e dos sacerdotes e diáconos focolarinos e voluntários.

Entre as temáticas que vão ser abordadas como os «nós» de uma rede, a ser tecida com a participação de todos: Cenários do mundo – retalhos de fraternidade; Igreja em comunhão – pela humanidade; Homens de Deus – construtores de relacionamentos fraternos.

O objetivo é redescobrir juntos a atualidade e a urgência da Igreja como comunhão e diálogo, assim como foi delineada pelo Concílio Vaticano II e como o carisma da unidade testemunhou nos seus 70 anos

de vida. De facto, agora, mais do que nunca, o mundo encontra-se diante de um desafio: escorregar e cair na desagregação ou fazer da humanidade uma família, segundo o «sonho» de Jesus.

«Na Igreja somos membros uns dos outros, todos reciprocamente necessários», escreveu o Papa Francisco na sua recente Mensagem para a Jornada da Paz de 2014. «Isto implica tecer relacionamentos fraternos, baseados na reciprocidade, no perdão, na doação total de si mesmo, segundo a amplitude e a profundidade do amor de Deus, oferecido à humanidade por Aquele que, crucificado e ressuscitado, atrai todos a si».

Info: networking2014.focolare.org

Iscrizioni: networking2014@focolare.org

Congresso dos aderentes

Um empenho forte

Quase duas mil pessoas de várias nações estiveram nos encontros em Castel Gandolfo.

Um sopro de vento fresco também para aqueles que já participam há dezenas de anos



© Livio Bertola

Concluiu-se, com grande alegria para todos, o segundo Congresso dos aderentes, com cerca de 1200 pessoas (no primeiro, realizado em novembro, eram quase 700), provenientes não só da Itália e da Europa, mas também da América Latina, África, China, Coreia, Filipinas, EUA.

Os participantes foram recebidos no primeiro dia com uma mensagem da Emmaus que os introduziu no tema do Congresso: o amor recíproco. Foi um convite para nos concentrarmos de novo nos relacionamentos, para nos amarmos com a mesma medida de Jesus, para fazer de cada obstáculo uma ocasião para amar mais, para testemunhar, como os primeiros cristãos, e fazer avançar o Reino de Deus.

O programa, além das respostas de Chiara e do tema da Emmaus, foi rico de experiências profundas e tocantes, com momentos artísticos muito apreciados.

Estiveram presentes pessoas de várias Igrejas e, pela primeira vez, uma senhora muçulmana que, na despedida, não parava de agradecer por aquilo que tinha experimentado.

Gratidão a Chiara e ao Movimento pelo Ideal, reconhecimento pelo acolhimento, desejo

de recomeçar, luz, redescoberta do Evangelho, desejo de viver aquilo que se ouviu, mesmo se vai ser necessário um empenho forte para o conseguir: foram estas as frases que quase todos disseram nas impressões que deixaram.

Apesar do grande número de participantes, todos, mais ou menos jovens, afirmavam terem experimentado a beleza da família, e foi realmente assim, tudo se desenvolveu com uma harmonia excepcional.

Para muitos foi o primeiro congresso, enquanto outros conheciam o ideal da unidade até há mais de 50 anos. E outros regressaram, depois de anos de ausência. Mas havia em todos a mesma frescura, o mesmo desejo de levar esta luz e esta vida ao ambiente onde vivem ou trabalham, como na primeira comunidade de Trento.

Tudo pode ser resumido com as palavras que eles próprios escreveram à Emmaus no fim do congresso: «Que bom sentir-se verdadeiramente em casa, mesmo para aqueles que viveram um período de ausência. Queremos levar esta realidade de família aos lugares onde vivemos, com a certeza de que isto é realmente um “assunto de Deus”. Temos consciência das dificuldades, num mundo aparentemente sem esperanças, mas fazemos um pacto contigo: ser como os primeiros cristãos e levar o “distintivo” do amor recíproco por toda a parte».

Costanza Tan,
Jorge Lionello Esteban

A visita ao Centro da Obra



© Walter Grohs

Redes de unidade Uma história que continua

Minoti Aram e Chiara Lubich: um relacionamento impregnado de diálogo, estima, compreensão, afinidade. A recordação após a morte desta personalidade gandhiana.

Depois da primeira viagem de Chiara à Índia, em janeiro de 2001, realizou-se em Castel Gandolfo o primeiro simpósio Hindu-Cristão com o título "*Bhakti, o caminho do amor: União com Deus e Fraternidade Universal.*"

No meio de muitos participantes, professores de filosofia, de sânscrito, matemática e de várias disciplinas, estava também ela, a senhora Minoti Aram, hindu, numa cadeira de rodas, acompanhada pela filha Vinu.



Rocca di Papa, 30 de setembro de 2007.
A última visita de Minoti a Chiara

Foi a oportunidade para os membros da Escola Abba e outros focolarinos do Centro do Movimento, de conhecerem uma pessoa extraordinária, fortíssima na sua extrema debilidade. Ela não apresentou um tema, mas viveu aqueles dias, como sempre, no amor que era



© CCHL arquivo x 3

acolhimento, sorriso, conselho e, sobretudo, unidade plena com Chiara, que gostava de definir como sua irmã espiritual.

Casada com o Dr. Aram, educador, pacifista, reitor da universidade e membro do Raja Sabha, o senado indiano, Minoti levou uma vida imbuída do espírito gandhiano e, com o marido, decidiu nos anos oitenta dar vida ao Shanti Ashram, um laboratório de paz e de trabalho onde muitas mulheres e crianças foram tocadas pelo seu amor concreto que assegurou a muitos uma vida digna.

Seguiu o marido no seu empenho pelo diálogo inter-religioso, e foi precisamente durante uma Conferência internacional, na China, que encontrou Natália Dalla Piccola. Daquele encontro temos o seu testemunho: "*... naqueles dias as comunicações prolongavam-se até para além do tempo estabelecido. Para aliviar o nosso trabalho, era servido chá a intervalos regulares e eu, não estando habituada a bebê-lo amargo, procurava uma cara conhecida que me pudesse dar um pacote de açúcar.*"

Natália percebeu imediatamente e, com a

maior das naturalidades, veio em meu auxílio. Durante os dias seguintes, conversámos muitas vezes, eu do Shanti Ashram e de Gandhi e ela do Movimento dos Focolares e de Chiara, sua fundadora. Daqui nasceu a nossa longa e frutuosa colaboração.

Tínhamos um objectivo comum: o desejo de levar uma paz duradoura e a unidade entre todos. Ela era muito simples e humilde e estas suas qualidades não passaram despercebidas.

O meu marido e eu ficávamos fascinados com as narrativas de Natália sobre a sua vida nos primeiros tempos do Movimento. Ela, por sua vez, queria saber sobre Gandhi e demonstrava uma extraordinária capacidade para apreciar as diversidades e para captar profundamente o nosso trabalho pela paz e pelo desenvolvimento social.

Lembro-me que, depois de uma das suas viagens, confidenciou ao doutor Aram o desejo que também Chiara pudesse fazer a mesma experiência na Índia e despedimo-nos com a promessa de trabalhar para a recebermos dignamente no Shanti Ashram."

Foi precisamente esta promessa que levou Chiara à Índia em 2001, para receber o prémio gandhiano de "Defensora da Paz", na cidade de Coimbatore, onde falou para um público de 600 pessoas, na maioria de religião hindu.

No dia seguinte, na salinha da casa de Minoti, em frente do Ashram, deu-se um encontro histórico para o diálogo com os hindus: Chiara deu as linhas a seguir para aprofundar o conhecimento recíproco, da espiritualidade cristã do Movimento e da Gandhiana, baseado num verdadeiro amor recíproco, expresso na abertura e no profundo respeito mútuo.

Seguiram-se numerosas iniciativas, mesas redondas, simpósios, atividades sociais e artísticas, visitas aos jovens, até à organização, em 2009, do Supercongresso gen3 em Coimbatore, onde Minoti quis estar presente nos momentos cruciais, com os 1500 jovens que nele participaram.

E chegou-se a 2007. Chiara, já muito doente, tinha chegado recentemente da Suíça. A 30 de setembro Minoti, presente em Castelgandolfo para um encontro de diálogo, expressou o desejo de a ir visitar. Parecia impossível, Chiara não recebia ninguém, mas quando soube que Minoti a queria ver, disse sim... Foi um encontro quase sem palavras, no entanto profundíssimo, falaram com os olhos e mais ainda com a alma. Agora pensamos nela com Chiara, na plenitude da alegria, num presente de luz e de amor que nunca acabará..

Giuliana Taliana, Antonio Salimbeni

Coimbatore, janeiro de 2003. A visita ao Shanti Ashram. No centro, Minoti e a filha, Vinu Aram, entre Chiara e Natalia



A Europa e a comunhão dos Movimentos



Em colóquio com os Delegados da Obra na Europa, sobre o caminho percorrido

No encontro anual dos Delegados da Obra nas zonas, concluído há poucos meses, o Centro do Primeiro diálogo "viajou" pela Europa, "visitando-a" em cada país.

Esta parte do velho Continente está a viver atualmente uma rápida transformação que atinge também a sua relação com a Igreja católica. Lugar de origem das Igrejas cristãs históricas e, durante muito tempo, centro do catolicismo, a Europa tem vindo a conhecer uma composição cada vez mais universal quer na parte governativa, quer, devido à globalização, na expansão para áreas emergentes não ocidentais, a tal ponto que se pode falar de um tempo pós-europeu. Paralelamente, este continente é fortemente interpelado no plano político-económico.

As mais variadas condições eclesiais, sociais, culturais aqui convivem, abordando a comunhão entre as realidades eclesiais de formas muito diversificadas.

No entanto, por toda a parte, esta comunhão vivida marca um caminho para entrar mais profundamente na essência e na finalidade da Igreja, e são possíveis alguns passos necessários para que seja cada vez mais

uma casa de comunhão. Um contributo válido vem dos membros dos Movimentos, que são capazes de transmitir o positivo da experiência do diálogo nos Organismos eclesiais. Contemporaneamente, assiste-se a reflexos positivos nos planos político, social, económico, como demonstra, mesmo se ainda num plano inicial, o processo de Juntos pela Europa. Neste caminho de comunhão, é de realçar a presença dos jovens que lhe dão o seu contributo típico e essencial.

Evento central do ano, o Pentecostes com o Papa Francisco, onde os Movimentos foram protagonistas, tanto na celebração da Praça de São Pedro, em Roma, como em diversos eventos contemporâneos locais, que se realizaram em alguns Países.

Querendo dar um resumo da nossa 'viagem', vejamos algumas das etapas particularmente significativas.

Partindo do ocidente: a Suécia.

Tendo em vista o Pentecostes, neste país escandinavo, com menos de 2% de população católica, sob o impulso do Bispo de Estocolmo, Movimentos, novas Comunidades e Institutos seculares deram vida a um percurso de comunhão, que foi inserido entre os acontecimentos do Ano da Fé.

Na Inglaterra, houve recentemente um encontro dos Movimentos com o título: 'Many streams, one river'. Estavam 1600 pessoas em Westminster Central Hall, de mais de 20 Movimentos e Comunidades eclesiais. Embora fosse promovido pelos Movimentos católicos, foi significativa a presença ecuménica, com

membros de Movimentos de várias Igrejas.

Em Espanha as protagonistas foram as Confrarias, ligadas ao contexto da tradição religiosa, ainda muito forte e participada neste País. Graças a membros dos Movimentos que nelas entraram, estão a conhecer uma nova vitalidade.

Na Europa central, a amizade entre as realidades carismáticas é intensa e ativa e, com frequência, organizam-se programas comuns. Na Áustria, entre outros, o projeto Viena Lab, promovido por empresários, empregados e jovens, com o objectivo de criar uma rede de partilha entre as múltiplas formas do agir económico, entre as quais a Economia de Comunhão. Neste país, a Igreja iniciou um caminho de renovação espiritual e estrutural e, para o pôr em prática, dirigiu-se solicitamente aos Movimentos eclesiais.

Na Europa oriental, a comunhão entre os Movimentos é cada vez mais um elemento propulsor no âmbito social. Com especial atenção olha-se para o campo da família, fazendo ações significativas. Assim acontece na Eslovénia e na Croácia, onde surgiram propostas de lei como reação positiva às que havia, para definirem a família na sua essência.

Também na República Checa a amizade entre os Movimentos eclesiais está muito viva. Um encontro anual importante reúne-os em

Velehrad, a 4 de julho, na "Jornada das pessoas de boa vontade".

No sul da Europa, prolongando-se pelo Mar Mediterrâneo, a Itália.

A península é rica em Movimentos que ali têm as suas sedes, por isso são muitos e variados os contactos entre eles. Igualmente significativos os encontros com os Movimentos nascidos dos carismas antigos. Em Trento, um encontro anual reúne membros de ambos. É notável o enriquecimento espiritual que daí provém com reflexos positivos e construtivos na igreja local.

De realçar o facto de que, em Locri, na Calábria, a diocese tenha aberto a causa de beatificação de dois cônjuges: Maria Rosaria e Franco Bono, ela pertencente ao Movimento dos Focolares e ele à Ação Católica. Sobre eles a Agência Zenit escreveu: "*A diversidade específica dos seus carismas e do seu empenho foi vivida por ambos como um enriquecimento recíproco e motivo de partilha e de crescimento.*"

Olhando para o caminho percorrido, parece-nos poder dizer que aquele início feliz do Pentecostes de 98 teve, nestes 15 anos, um crescimento constante cada vez mais apreciado e encorajado pelas autoridades eclesiais. Cabe-nos a tarefa de identificar, valorizar e dar impulso à vida suscitada neste tempo para contribuir cada vez mais para a realização do desígnio da Igreja-comunhão.

Anna Pelli, Mario Ciabattini



Eslovénia. Iniciativa civil em favor da família

Em Roma

Uma dádiva para a Igreja

Um grupo de internos do Movimento foi convidado para animar uma vigília para os encarregados da pastoral vocacional de toda a Itália.



«Lançar-se para fora», «ir ao encontro das pessoas», levar o Ideal a quem não o conhece... Era este o desejo que tínhamos no coração quando fomos convidados por D. Domenico Dal Molin, Diretor do Secretariado nacional da Pastoral das vocações da Conferência Episcopal Italiana, para animar uma vigília de oração para os participantes no congresso nacional vocacional.

Inicialmente titubeantes pela ausência de muitos dos nossos, que estavam fora de Roma no período das festas de Natal, dissemos: «Como podemos dizer não?» «Não é precisamente uma periferia, mas...». Lançámo-nos, acreditando que, se déssemos o nosso pequeno contributo, não faltaria o Seu.

Assim, no dia 4 de janeiro, éramos 12, diante de uma igreja repleta de sacerdotes, religiosos e religiosas: cerca de 550 responsáveis dos secretariados e centros vocacionais, reitores e seminaristas, religiosas, religiosos, leigos consagrados e leigos empenhados no tecido vivo da pastoral das Dioceses da Itália...

Antes de começar, tínhamos pedido a Jesus que estivesse presente entre nós. Nós oferecíamos-lhe o nosso pequeno contributo, para dar um presente também a Maria, uma vez que a linha que tínhamos preparado juntos para o encontro era a «Via Mariae».

E foi mesmo assim, com os cantos, as músicas compostas por Andrea, um gen, leituras de

trechos do Evangelho e de escritos de Chiara e outros.

Depois de uma breve apresentação, assim que o nosso pequeno (mas potente!) coro começou a cantar, todos se uniram. Ficámos tão surpreendidos... sentia-se que estávamos todos juntos, sob o olhar de Maria.

Em alguns momentos nós próprios nos comovemos pela unidade que se sentia entre todos. Até ao fim, quando D. Dal Molin nos agradeceu antes da bênção: «Vocês fizeram-nos sentir a ternura de Deus, vivemos realmente um tempo de oração, com Maria...». Depois, ao despedir-se de nós, felicíssimo, disse: «Estávamos à espera disto! Foi simples e profundo...».

Uma religiosa napolitana disse: «Eu nunca fico sem palavras...Mas, hoje sim».

Uma voluntária ali presente: «...foi uma hora de Paraíso. Foi tudo bonito e harmonioso. Éramos flores diferentes de um único jardim, éramos "Igreja" a percorrer juntos as várias etapas da "Via Mariae". Penso que Chiara ficou contente».

Radi Di Giovanni

IV Congresso Missionário Americano

O ecumenismo da vida abre caminho

Na Venezuela, no IV Congresso Missionário Americano, os focolares evidenciam uma importante experiência ecumênica

De 26 a 30 de novembro, realizou-se em Maracaibo, na Venezuela, o IV Congresso Missionário Americano, com 4 mil participantes de todo o continente.

O tema «Discípulos missionários num mundo secularizado e pluricultural» foi aprofundado através de conferências e 22 fóruns temáticos. A primeira conferência foi apresentada por Lucas Cerviño, focolarino argentino em Barcelona (Espanha), que pôs em evidência a reciprocidade.

Os bispos de Maracaibo propuseram à Conferência episcopal venezuelana oferecer como contributo da nossa arquidiocese, a experiência ecumênica que fazemos, há mais de 30 anos, sobretudo com os presbiterianos e os pentecostais. O pedido foi aceite.

No fórum «Ecumenismo e Missão», os pastores e as pastoras das Igrejas presbiteriana e pentecostal, que têm contatos conosco, e uma gen pentecostal, apresentaram a nossa experiência. Foi comovente vê-los falar como filhos do carisma da unidade: foi recolher os frutos semeados e cultivados, ao

longo dos anos, muitas vezes com esforço. O pastor Obed Vizcaino, da Igreja presbiteriana, apresentou, como pioneiro, o percurso destes anos de diálogo, colocando em evidência o relacionamento nascido como fruto do amor concreto. A pastora Elisa de Bulmes, também da Igreja presbiteriana, contou a sua experiência pessoal e declarou-se publicamente «focolarina». Por fim, o pastor Everth Hidalgo, da Igreja pentecostale Hosana, falou sobre o desafio do diálogo. Os participantes do fórum, cerca de 60 pessoas, apreciaram muito estas intervenções.

Pessoas do Movimento de outras denominações cristãs contribuíram nos diferentes grupos de trabalho. Assim, nasceram várias iniciativas. Os pastores exprimiram surpresa pela abertura e acolhimento da Igreja católica, que lhes permitiu participar de modo tão ativo num evento desta envergadura. O moderador e o relator do fórum eram dois religiosos chilenos, que estimam muito o Movimento e desejam manter-se em contacto.

A pastora Bulmes escreveu: «Agradeço a Deus [...] porque em toda esta América se estão a trilhar os caminhos do diálogo, para a construção da unidade na diversidade das nossas realidades, identidades e diferenças, tendo como centro Deus Trino».

Rocío Rada, María Gorette Sousa



A Coreia ecuménica No percurso de uma profecia

Viagem ao País asiático para a X Assembleia Geral do CEI e encontros com a comunidade

O cristianismo chegou à Coreia primeiro com o catolicismo, no século XVII, e no século XIX com as Igrejas protestantes. Existem presbiterianos, anglicanos, metodistas, ortodoxos e pentecostais. A decisão de realizar na Coreia a 10ª Assembleia Geral do Conselho ecuménico das Igrejas (CEI) colocou em evidência a tensão existente entre algumas Igrejas. A Assembleia, primeiro motivo da minha viagem, foi portanto uma grande *chance* ecuménica para este país.

Nos dias que antecederam a Assembleia pude mergulhar na realidade do ecumenismo da zona, com a comunidade de Seul, onde é muito importante a presença de Speranza, uma voluntária presbiteriana.

De 30 de outubro a 8 de novembro, juntamente com o pastor da Igreja reformada Peter Dettwiler, focolarino casado suíço, participei na X Assembleia Geral em Busan, no sudeste do país. O secretário-geral do CEI, rev. Olaf Fykse Tveit, tinha pedido à Emmaus para mandar duas pessoas do Movimento. Escrevendo-nos, explicava: «A nossa amizade é já de muitos anos e começou com Chiara Lubich, quando ela visitou o CEI pela primeira vez, em 1967. Desde então, cresceu e deu frutos significativos. Contamos muito com o precioso contributo que o Movimento dos Focolares poderá dar a este percurso».

Outras pessoas do Movimento estiveram presentes nas várias delegações. Encontrámos muitos que



já conhecíamos e estabelecemos novos contactos. É impossível contar quantas vezes contámos a história do Ideal!

Houve muitos encontros com as pessoas da muito viva comunidade de Busan.

Nos dias seguintes à Assembleia, juntamente com a Maris Moon e o Alberto Kim, delegados da Obra, fui a Kunsan, que fica na outra costa, onde conheci a comunidade, composta por presbiterianos e católicos. Visitámos a Igreja presbiteriana do pastor Jung que se chama «Um povo que caminha no caminho novo»: muitos dos seus paroquianos participam nas Mariápolis. Depois fomos para Joen Ju. Em cada um destes encontros pude ver o potencial do diálogo da vida, entre as pessoas do Movimento, para contribuir para a reconciliação entre as Igrejas neste local.

Tem-se a impressão de que já se estão a tornar realidade as palavras de Chiara, quando esteve na Coreia em 1982: «Vi muitas cruzinhas vermelhas [as Igrejas protestantes têm grandes cruces iluminadas de vermelho à noite, em vários pontos das cidades]. Hoje, nesta sala, só estão os católicos, mas na próxima vez que eu voltar gostaria de ver metade da sala com católicos e a outra metade com cristãos de outras Igrejas».

Joan Pavi Back



EcoOne

Um terreno fértil

Do Chile à Argentina, a Ecologia, segundo o carisma da unidade, vai avançando



De 25 a 27 de novembro, fui a Viña del Mar (Chile) para uma conferência. Foi uma ocasião para encontrar os voluntários da cidade, que souberam da minha presença. Nos dias sucessivos estava programada uma série de encontros com entidades ambientais (uma multinacional, uma fundação e um instituto governativo), com estudantes e professores da Universidade católica e, naturalmente, com as pessoas do Movimento interessadas na Ecologia.

Tive contactos com aqueles que conhecem a experiência de EcoOne e outros interessados em aprofundar os elementos em torno destas temáticas.

O que dizer sobre o encontro na Universidade católica? Além de descrever a minha experiência

profissional, falei de EcoOne, explicando que faz parte do meu empenho como pesquisador cristão para uma sociedade melhor. Os jovens rodearam-me calorosamente e encheram-me de perguntas. A tradutora (linguista) apreciou muito a exegese do relato bíblico sobre a Criação (publicada pelo Sergio Rondinara) que convida a pessoa a comportar-se como administrador e protetor da natureza. O professor que me convidou deu-me os parabéns por lhe ter comunicado a harmonia entre o trabalho científico e a experiência de fé.

Em Buenos Aires encontrei alguns dos nossos, que há muitos anos trabalham para EcoOne. Uma delas viajou nas noites de sexta-feira e de sábado (1000 km na ida e 1000 km no regresso) para estar presente. A elaboração de uma nova cultura ecológica permite a hipótese de um possível encontro internacional de EcoOne na Argentina, na primeira metade de 2016.

Não faltou um encontro com um grupo de investigação com estudantes e professores da Universidade de La Plata, em vista de futuras colaborações.

A criatividade, o entusiasmo, a abertura, o empenho social, a esperança num futuro melhor (caraterísticas um pouco deficitárias na Europa atual), típicas destes povos tão diferentes entre si, constituem um terreno fértil para que o diálogo com a cultura seja um instrumento para o «*Ut omnes*», uma autoestrada para nos voltarmos para o mundo contemporâneo e para as suas necessidades e para poder chegar a algumas das periferias existenciais. Isso é possível nestes locais pela presença de uma Obra madura, com pessoas culturalmente preparadas, comunidades locais vivas, jovens empenhados no serviço aos pobres, características que transmitem uma grande confiança.

Luca Fiorani

Psicologia e Comunhão

Em Madrid, um confronto mais alargado

Pela primeira vez fora da Itália, o grupo de trabalho desta inundação foi a Madrid.

Professores e investigadores de diferentes Universidades europeias encontram-se, de 18 a 20 de outubro, em Madrid. O objectivo é dar continuidade ao trabalho de confronto, muito útil, que existe já há alguns anos e que teve, como etapa mais recente, o Encontro do passado mês de março, na Universidade La Sapienza, mas também o congresso de Psicologia e Comunhão de 2012.

Foi, para o grupo de trabalho, a primeira ocasião de encontro fora da Itália, graças à presença, em Madrid, de alguns professores que se identificam com os objectivos da *Psicologia e Comunhão*.

É um grupo muito heterogéneo no que respeita a especialização, idade, proveniência, perfil profissional e ligação à Obra de Maria. No

entanto, em vez de ser um obstáculo, esta múltipla diversidade proporciona uma intensa troca de experiências e de reflexões. No encontro em Madrid, várias pessoas referiram que o trabalho da Psicologia e Comunhão é uma potencialidade a nível metodológico e de conteúdos para entrar num autêntico diálogo com a cultura psicológica contemporânea e renová-la por dentro. Salientaram-se hipóteses de trabalho, pontos de referência, partilha de maneiras de ver que tornam cada vez mais concreta e frutuosa esta experiência. O contributo das novas gerações foi um estímulo para todos. Especificamente, identificou-se no «Reconhecimento e afinidade», um tema para aprofundar - cada um sob o próprio ponto de vista - um projecto de investigação a

realizar nos próximos três anos, mesmo através de teleconferências colectivas e Seminários anuais, parcialmente abertos a novos contactos.

Com o Skype foi possível fazer um momento de comunicação com alguns do grupo, no Brasil, Canada, EUA, Argentina: o envolvimento de culturas extra-europeias é um elemento muito importante para se conseguir elaborar as reflexões de modo realmente universal e eliminar o que poderia ser específico e demasiado condicionado por uma certa cultura. Por outras palavras, para fazer da Psicologia e Comunhão uma experiência cada vez mais partilhável por todos os que, onde quer que estejam, vêm o ser humano sob este ponto de vista.

Uma mesa de trabalho permanente, com professores de universidades internacionais, encontra-se periodicamente, em video-conferência, depois do Seminário de Madrid.

Simonetta Magari



Da Síria

Quando só Deus permanece

O martírio do povo sírio parece não ter fim.
Contudo a vida encontra os seus caminhos até «num vale de morte».

Em todas as comunidades da Síria, a vida do Ideal continua e avança, abrindo novas possibilidades em locais onde alguns dos nossos se refugiaram. Isso aconteceu nas colinas à volta de Homs, ou na costa. De Aleppo exprimem a sua gratidão pelo apoio da Obra, indispensável para as necessidades básicas: o aquecimento, a escola para as crianças... Algumas famílias acompanharam os e as gen4, quando os focolarinos tiveram que retirar-se: «Nós faremos os encontros no focolar», disseram. É significativa a carta que nos chegou em dezembro, de um sacerdote focolarino.

«Qara é a nossa aldeia a norte de Damasco, na cordilheira do Qalamoun. Aqui há uma comunidade cristã desde o século III depois de Cristo.

Graças à sabedoria dos mais idosos da aldeia, conseguiu-se não entrar no conflito. Mas agora, até aqui a situação está a agravar-se e parece que a guerra vai ser inevitável¹. Lembrei-me logo do Salmo 22: "mesmo se for pelo vale da morte, nada temo, porque Tu estás comigo". Não cedi ao medo e não abandonei a paróquia que Deus me confiou. Para dar ânimo aos meus paroquianos, fui

com eles para Deir Atieh, um lugar ali próximo.

Mas a batalha foi ao nosso calcanhar também ali. Encontrámo-nos em plena luta. Com duas famílias ficámos 5 dias sem eletricidade, nem água, nem comida, fechados em casa. Não tínhamos nenhum meio de transporte. Só podíamos rezar e pedir misericórdia. Foi uma prova muito dura em que nos lembrávamos do grito de abandono de Jesus. E foi mesmo nessa oração que me confiei a Deus, o único que nos poderia salvar e libertar-nos desta escravidão.

Na manhã seguinte encaminhámo-nos para a saída da aldeia. No posto de guarda não estavam os soldados. Passámos no controle, mas ninguém disparou contra nós e andámos mais seis quilómetros, até à primeira aldeia em zona segura. Foi uma travessia com o Senhor. Percebi que tudo é vão. Gostaria de encorajar todos a confiar n'Ele. Digo, sobretudo a nós, pastores, para não deixarmos o nosso rebanho nas mãos dos lobos. Ofereço esta minha experiência ao Senhor, para que renove a Igreja, a vivifique com o seu Espírito e santifique os seus pastores. Só assim poderemos ser uma Igreja de que o Senhor não se envergonhe, mas que se orgulhe».

Arlette Samman, Giorgio Antoniazzi

1 A Agência Fides noticiou que, desde meados de novembro, as aldeias cristãs e não cristãs da serra de Qalamoun estão na mira de grupos armados fundamentalistas estrangeiros, que as estão a dizimar, espalhando morte e destruição (28.11.2013 "O êxodo dos civis cristãos de Qara, invadida por jihadistas estrangeiros").

No Natal Para encontrar Jesus

Muitas pessoas viveram o período de Natal «saindo» para ir ao encontro de Jesus



Man (Costa de Marfim). Em Glolé, a 30 Km de Man, as pessoas vieram de 12 aldeias onde se trabalha, há anos, com o Centro de nutrição. Estavam também os chefes, pessoas de relevo com alguns responsáveis de várias Igrejas cristãs. Depois da meditação «uma cidade não basta» abriu-se uma comunhão de alma muito profunda, com fortes experiências de amor concreto sobretudo para com as crian-



ças que sofrem de fome e falta de carinho da família. O novo chefe da aldeia disse: "se quando eu apresentar o meu programa de trabalho os meus colaboradores não estiverem de acordo, eu não o vou realizar sozinho, mas vou ter que perceber o que poderemos fazer juntos".

Em Bolequin, a 175 km de Man, foi a Aurora ter com as crianças orfãos ajudadas pelas Irmãs da Consolata, juntamente com a Larissa, uma jovem para um mundo unido e também 37 gen3 e jovens para a unidade. Foram seis dias de trabalho, formação e muita doação de si próprios.

Juntamente con os catequistas da paróquia

próxima da Cidadela Victoria, preparámos um dia de festa para as crianças: cristãs, muçulmanas...sem distinção! No fim, havia almoço para todos! Eram mais de mil, em fila, para receber o arroz com um bocadinho de peixe que algumas mães tinham preparado com a Providência. Foi bom poder olhar um a um, nos olhos!

As focolarinas da Mariápolis Victoria

Velletri (Itália). Oferecer às pessoas «económicamente necessitadas» um momento de festa, de convívio e de família. Foi esta a finalidade do almoço organizado pela nossa comunidade, no período natalício. A iniciativa, que já se faz pela quarta vez, é fruto de muito diálogo e confronto: percebemos que há várias formas de pobreza entre as quais, a maior é a de relacionamentos devida à solidão. Quanto mais estamos sós mais pobres somos de pensamentos, partilhas... O nosso objectivo é estabelecer relacionamentos duradouros com as pessoas que convidamos, apesar da desconfiança, do isolamento e, sobretudo, da falta de recursos.

Este ano aderiram também, com entusiasmo, outros Movimentos como Sto.Egídio, Renovamento carismático, os Vincentinos e a Cáritas de S. Clemente.



No dia 5 de janeiro chove e há um forte vento. Às 11.30, das 100 pessoas previstas vemos só 10, mas, na hora prevista, a sala estava cheia. Cada convidado saiu com três sacos de compras cheios. Mas a alegria, ao saudarmos-nos com um sorriso, é a melhor prenda!

Madeleine e Pio Mulamba

Marselha (França). Estava tudo previsto para uma tarde com alguns estudantes estrangeiros, na maioria africanos, com os quais ultimamente tivemos contacto. Na véspera soube-mos que a merenda que nós iríamos oferecer-lhes era a refeição de Natal para eles, uma vez que têm pouco dinheiro à disposição (têm que esperar até janeiro para ter a bolsa de estudos). Decidimos então oferecer um verdadeiro almoço a este «nosso» Jesus: preparámos uma mesa de festa, com estrelas, ornamentos brilhantes e um pequeno presente para cada um.

Vieram 10 – os países de origem deles são: Togo, Senegal, Burkina Faso, Camarões, Haiti,



Vanuatu. À mesa falámos sobre as nossas tradições diferentes, sobre a realidade da fraternidade universal que vai para além das diferenças. Estão felizes, sentem-se em família. Arsene de Burkina escreve-nos: «Obrigada por nos terem feito viver um Natal magnífico, ainda que longe dos nossos parentes. Que Deus vos abençoe!»

As focolarinas de Marselha

A fidelidade a um compromisso

Os pobres como parte do projecto, como todos os protagonistas da actividade económica. A experiência de uma empresa de Economia de Comunhão de Abruzzo.

Sou uma empresária da provincia de Chieti com seis empregados e sete colaboradores, na área dos seguros.

Quando, há mais de 10 anos, recebi o mandato para poder gerir mais de 6.500 clientes, não tive dúvidas que a minha actividade de trabalho se iria basear nas ideias que orientam o projecto «Economia de Comunhão».

Um modelo económico que me deu, nestes anos, a força para vencer as dificuldades inevitáveis dos relacionamentos, de reconhecer as oportunidades profissionais e permanecer fiel à escolha feita. Podia dar a possibilidade a todos os meus empregados e colaboradores de partilhar, não só as capacidades e a experiência, mas também as ideias e os projectos. Por fim, mas não por último, ajudou-me a escolher, com alegria, a sobriedade.

Em 2004 participei num Encontro onde Chiara Lubich, entre outras coisas, dava sugestões sobre como deve ser o trabalho dos que se interessam pela Economia de Comunhão. Para a minha actividade, foram fundamentais!

Fiz delas um vade-mecum, um guia sintético que me ajuda quotidianamente a verificar o que fiz em relação aos meus clientes, aos empregados, aos concorrentes, e aos fornecedores. Serve também para verificar com a minha consciência: que me consola, aprova, mas também me repreende.

Muitas vezes, no fim do dia, refletindo sobre aquilo que fiz, parece-me que tudo correu tão depressa que não me lembro sequer das pessoas que encontrei, mas vêm-me em evidência não só as dificuldades ou contradições encontradas, mas também o muito de bom recebido de todos, sem excluir alguém.

Algumas manhãs, apesar de ter uma grande paixão pelo meu trabalho, ir para o escritório torna-se árduo pelas várias situações difíceis a enfrentar, mas o sorrir, o ouvir até ao fim quem está a falar comigo, o compreender, enfim, fa-



zer logo qualquer coisa por quem está ao pé de mim, gera calma, não só em mim mas em todo o ambiente. Um dia um cliente de certa idade, que tinha esperado a sua vez para ser atendido, antes de se ir embora perguntou: «como é possível que as pessoas entrem tristes e saiam com um sorriso?».

A situação financeira deste último ano é difícil, a lógica económica aconselha-me a despedir, pelo menos, dois empregados. No escritório estamos habituados, já há mais de 10 anos, a fazer encontros periódicos onde cada um expõe as dificuldades encontradas, mas sobretudo também os pequenos ou grandes sucessos numa lógica de profunda e aberta participação (comunhão). Isto permitiu-me pôr ao corrente de todos, com regularidade, o andamento da agência no seu todo. Assim, com uma cons-

ciência recíproca da dificuldade que se está a viver, depois de ter revisto os meus custos e reduzido o ganho, não tendo sido ainda suficiente, todos propuseram reduzir o próprio horário de trabalho.

Percebo que esta decisão fez com que cada um adquirisse uma - posso dizer - alegria e orgulho pelo contributo oferecido, que para mim tem um valor incalculável.

Desde o primeiro ano da minha actividade decidi que nunca iria deixar de dar a terça parte do lucro da empresa aos meus irmãos em estado de necessidade. Nestes últimos anos porém, a contração económica e o anulamento dos lucros, podia justificar um meu retrocesso. Mas a fidelidade chamou-me ao empenho inicial e fiz a transferência, porque os pobres não são os ajudados, mas fazem parte do projecto como todos os protagonistas da actividade económica.

Um dia perguntei à Mariana, uma minha empregada, o que é que gostava mais no seu trabalho e respondeu: dos relacionamentos e da possibilidade de encontrar pessoas a quem posso transmitir esta nossa atmosfera.

Aquilo que eu faço (num sector tão específico como o dos serviços de seguros) numa cidade pequena de uma provincia de Abruzzo, poderia humilhar o meu entusiasmo - sou pequena e o que faço não tem peso - mas quando penso não só no Polo italiano - que reúne todas as actividades económicas EDC e portanto me representa -, onde estão presentes também todos os outros Pólos do mundo, então a esperança abre completamente a porta da certeza de que somos muitos, não num futuro, mas já hoje... e cada vez mais.

E foi mesmo por isso que, no ano passado, com alguns outros empresários, nasceu a associação italiana AIPEC, para dar a possibilidade de dar a conhecer a muitos este modo de agir: antes de mais, existe uma sincera, profunda e aberta estima entre nós que atrai muitos outros.

Ornella Seca

Um caminho privilegiado

Secretarias do Movimento Paroquial para a Grande Zona da Europa Ocidental

«Redescobri a potência e actualidade do Movimento Paroquial, como caminho de eleição no momento atual da Obra, para renovar a Igreja». Foi o testemunho de um dos 32 participantes no encontro das secretarias do Movimento Paroquial da Grande Zona da Europa ocidental, realizado de 28 a 30 de novembro, na Cidadela Castelo Exterior, em Espanha.

Não faltam os desafios, olhando para a situação da Igreja e da sociedade em Países como Inglaterra, França, Bélgica, Espanha, Portugal... mas vislumbram-se enormes possibilidades de desenvolvimento. Na reunião plenária e nos pequenos grupos aprofundaram-se a vida e perspectivas do Movimento Paroquial. Sentiu-se a importância e a graça destes encontros, por Grandes Zonas, neste momento da Obra.

Deu-nos muita alegria ler o que o Papa Francisco escreveu, na sua Exortação Apostólica, que saiu mesmo antes deste encontro: «É muito saudável que [os Movimentos] (...) não percam o contacto com a realidade tão rica da paróquia local e



que se integrem com gosto na orgânica pastoral da Igreja local. Esta integração evitará que fiquem só com uma parte do Evangelho e da Igreja, ou que se transformem em nômadas sem raízes» (*Evangelii Gaudium* 29).

Era quase palpável esta «integração» com a visita, a seguir ao encontro das secretarias, a duas paróquias perto de Sevilha. Graças a dois sacerdotes da Obra, nasceu o Movimento Paroquial há 30 anos, entre os jovens. Muitos permaneceram fieis até hoje – já casados e com filhos – e muitos outros se juntaram a eles. Duas comunidades vivíssimas, que têm como base o pacto do amor recíproco. Duas comunidades locais que dão alegria à Obra naquela região.

Foi forte a experiência que está a fazer uma das empenhadas paroquiais, que trabalha numa Confraria, expressão tradicional da Igreja andalusa, e que leva a vida do Evangelho e da comunhão a esta realidade, com muitos “frutos”.

*p. Klaus Hofstetter, Sameiro Freitas,
Marco Bartolomei*



Telegramas da Emmaus por ocasião da «partida» dos últimos focolarinos que chegaram à Mariápolis Celeste.

Manfred «Fred» Kockinky

«Chamado a uma vida esplêndida»

Manfred, focolarino alemão que há 35 anos estava na zona da Grã Bretanha, partiu para o Paraíso no dia 12 de dezembro, devido a uma doença que se prolongou durante quase dois anos. Fred = homem de paz é o seu nome novo.

Nasceu em 1957. Conheceu o Ideal em 1974, num espetáculo do Gen Rosso em Hamburgo, e em 1977 iniciou a escola dos focolarinos em Loppiano. De lá escreveu a Chiara: «Diante de Jesus Eucaristia prometi ser fiel à minha vocação de viver no focolar, fiel para sempre... foi uma coisa que fiz com consciência, como resposta à escolha de Deus». Desde que chegou à Grã Bretanha trabalhou como vice-diretor de uma prisão. Ali ganhou o respeito e o afeto de todos os colegas, tanto que agora decidiram dar o seu nome a uma nova ala da prisão. Depois do encontro de focolarinos de 1996, em Castel Gandolfo, disse a Chiara: «Obrigado uma vez mais pela tua ida à Inglaterra... Renovo com imensa alegria a minha escolha de Jesus Abandonado, agradecendo a Deus por ser um focolarino da família mais bela do mundo». E em 1998: «Verifico que Deus me leva cada vez mais para perto d'Ele, de modo que nenhuma outra coisa possa condicionar este relacionamento. É a vida de um casamento com Jesus Abandonado, que não deixa espaço para mais nada». Em janeiro de 2000: «Sinto-me reconstruído na verdadeira vocação à qual Deus me chamou: a santidade coletiva. Prometo-te viver a 100% para a santidade de Jesus-nós».

Desde o início da doença, Manfred dizia que esta não era uma coisa só sua, mas que



pertencia a toda a Obra. Começou, assim, a partilhar esta experiência usando os meios modernos, reunindo uma vastíssima gama de pessoas: membros do Movimento, parentes, colegas e também algumas pessoas da diocese

com quem tinha trabalhado para preparar festas para os jovens. Foram muitos os que o foram visitar, retomando o contacto com o focolar. A casa encheu-se de pessoas que, ao longo dos anos, tinham construído relacionamentos profundos com ele.

Manfred enfrentou com coragem muitos momentos difíceis e tudo foi vivido como uma experiência comum de todo o focolar, com altos e baixos, alegrias e dores. Pôde ser tratado no focolar e viver numa atmosfera serena com Jesus no meio. Em agosto de 2012 escreveu-me: «Vejo cada vez mais que Deus me chamou a uma vida esplêndida, isto é à Sua vida que é a vida da Trindade! O focolar é realmente um meio potente para mostrar, de um modo muito simples, a vida íntima de Deus ao mundo! Existe paz, alegria, e sobretudo a Sua presença. Basta apenas isso! Agora, juntos, podemos dar vida à Obra, colocando-nos à disposição do Espírito Santo». Renovava continuamente a sua fé no amor de Deus por ele, especialmente nos momentos mais dolorosos de encontro com Jesus Abandonado. Dizia: «Todos os dias Deus nos dá o amor e a graça necessária para sobreviver no momento presente... Eu acredito num Deus que é amor... Levo nos meus braços o mundo a Jesus e faço com que Chiara fique feliz». Há algumas semanas Manfred escreveu-me a dizer que oferecia tudo para que Deus ajude toda a Obra a crescer no amor recíproco. Agradecemos-lhe pela sua fidelidade.

Evelina «Agape» Paganelli

Flor rara

No passado dia 27 de dezembro, o Paraíso recebeu mais uma «flor rara», Agape (Evelina), focolarina de Milão. Partiu serenamente, enquanto se entoavam cantos a Maria, rodeada pelo amor da irmã Anna, do cunhado Pietro e do seu focolar, deixando em todos uma grande paz.

Agape nasceu em Milão em 1941 e com 18 anos já estava no focolar. Ela própria contou: «Nasci numa família boa, com princípios sólidos... sou alegre e sei aproveitar o que a vida me oferece... Em 1954, encontrava-me de férias em Vigo di Fassa (Dolomitas) e reparei num grande grupo de pessoas que despertou a minha curiosidade. Segui-as até à igreja da aldeia, que estava superlotada, mas tudo se desenrolou com muita ordem e harmonia... fiquei confusa... era evidente que estas pessoas tinham descoberto o sentido da sua vida... e eu, vivia porquê?». No ano seguinte, sempre na Mariápolis, conheceu Chiara e escreveu-lhe contando-lhe o seu desejo de querer percorrer a mesma estrada que ela. «De volta a Milão, continuei a manter o contacto com o grupo do Movimento na minha cidade. Falaram-me de Deus Amor, Pai de todos, descobri um mundo diferente, o do Evangelho vivido... foi como uma luz que penetrou suave e decisiva para iluminar toda a minha vida». Embora muito jovem, Evelina exprimia repetidamente a sua vontade de dar-se a Deus, até que, no dia 8 de junho de 1959, chegou a esperada carta que comunicava que podia entrar de imediato em focolar, em Milão. Em 1962, encontrava-se na Bélgica para trabalhar na Comunidade Europeia, onde permaneceu durante cinco anos. Todos se recordam da sua atividade inteligente e brilhante.

Depois, Chiara chamou-a para iniciar, com Aletta Salizzoni, uma das suas primeiras companheiras, o focolar em Istambul (Turquia). Seria para manter os contactos com o Patriarca grecoortodoxo Atenágoras I, que Chiara tinha visitado várias



vezes, lançando passos importantes para o ecumenismo. Por este motivo, Evelina recebeu o nome novo de *Agape*: «*Levar àquela terra o Amor que gera a família, a fraternidade*». Pelo facto de terem de renovar o visto de turistas, Aletta e Agape tinham de sair periodicamente do País. E foi assim que nasceram pequenas comunidades na Grécia, na Síria, no Egito, em Israel e no Líbano, para onde, em 1973,

se transferiu o centro zona. A propósito desta experiência, Agape escreveu: «O Líbano tornou-se em pouco tempo na plataforma à volta da qual se desenvolveu e se consolidou o Movimento no Médio Oriente. Mas, três anos depois rebenta a guerra civil, dissimulada no início, mas depois cada vez mais cruel, desumana e estúpida como são todas as guerras...». E mais à frente: «Entretanto o Senhor preparou um programa especial para mim. 18 anos depois, por motivos de saúde, voltei de novo a Itália, onde estou. A aventura continua: Digo a Jesus o meu “Amin”, que em árabe quer dizer: “Creio” e ponho a minha confiança em Alguém que está fora de mim». Agape viveu os 30 anos de doença aderindo plenamente ao plano de Deus sobre ela, com uma fidelidade e perseverança surpreendentes. Num momento particularmente difícil disse: «Acreditei no amor de Deus na primeira manifestação da doença... e acredito ainda agora».

Em 2002, Chiara escreveu-lhe: «*Acredita que o teu trabalho na Obra nunca parou, pelo contrário, tornou-se mais precioso pela presença do Esposo*». Em 2004, Agape disse a Chiara: «A Obra de Deus! Dou-me cada vez mais conta que Jesus chega pontualmente para me pedir pedacinhos desta realidade, que até há pouco tempo eram toda a minha vida, o suficiente para acreditar que não podia sobreviver sem a Obra, em todas as suas múltiplas expressões. Agora, trata-se de abdicar de todos os privilégios e amor recebidos no passado e voltar a escolher sem hesitação Jesus Abandonado. Gostaria que isto fosse útil para o grande triunfo de Maria, para a Sua Obra»

Quando, em maio de 2013, o atual Patriarca Bartolomeo I esteve em Milão, Agape, que o ti-

nha conhecido quando ele era diácono, pôde cumprimentá-lo e foi um momento de alegria para ambos.

Nestes últimos dias, mesmo estando muito mal, dizia: «Estou a meditar sobre a morte. Quando chegar deve encontrar-me no Amor. Não tenho medo porque acredito na misericórdia». Agradecendo a Deus pela sua vida oferecida pelo Ut omnes, rezemos por Agape e pelos seus familiares.

Enrico Cestra

A linguagem do amor

Enrico, focolarino da Mariápolis Romana, partiu para o Paraíso aos 64 anos, devido a uma doença que se manifestou no passado mês de setembro. Enrico passou a adolescência num colégio. Por ser órfão de pai, sentiu muito a responsabilidade da família, que era constituída pela mãe, um irmão e duas irmãs mais novas.

Conheceu o Ideal em agosto de 1968, na Mariápolis de Grottaferrata, e começou a viver o Ideal com outros jovens de Frosinone. Sentiu logo a vocação ao focolar, mas a ida para Loppiano seria difícil por causa da situação precária da família. Confiou isto a Chiara, que lhe respondeu: «... não vejas dificuldades por não poderes ir de imediato para Loppiano. Quando chegar a hora, Jesus removerá os obstáculos. Entretanto, Ele próprio te formará na Sua escola, pedindo-te para viveres bem a sua vontade no momento presente. A Palavra de vida que pensei para ti é: "Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo, antes da fundação do mundo (Ef 1,4)". E o momento chegou realmente. Loppiano, Palermo, Turim, Cuneo, Santiago do Chile, Bari, e ultimamente a Mariápolis Romana: foram etapas que assinalaram os seus 40 anos de focolar, vividos com a generosidade de quem está pronto a seguir Jesus em qualquer lugar. A Hans Jurt, escreveu: «Se tiveres dificuldades e não souberes quem mandar para um determinado lugar, podes ter a certeza que eu estou sempre pronto. A língua do amor, penso que conheço, as outras aprendem-

-se». Na Páscoa de 1974 escreveu a Chiara: «... sinto muito forte a vontade de me consagrar a Deus para toda a vida, dar-me todo a Ele e que seja Jesus Abandonado o único esposo da minha alma». E em 1975, de Loppiano: «Depois daquilo que nos disseste, sinto um desejo renovado de construir Jesus no meio com cada um para construir "pequenas igrejas vivas"».

De partida para o Chile, confiou ao Centro dos focolarinos: «Estou feliz por partir... farei tudo

para que no focolar exista sempre Jesus no meio. Parto com este pensamento no coração». A sua relação com Deus foi sempre muito profunda.

Em Dezembro de 1981 confiou a Chiara: «Gostava de oferecer-te qualquer coisa de belo, mas não tenho nada. Toma como prenda este meu nada. Prometo que te serei fiel até ao fim». E no dia 5 de agosto

de 1999: «... procurarei amar, cada vez com mais intensidade, Jesus Abandonado, para ser, como nos disseste, pai e mãe de almas».

Numa outra carta pode ler-se: «Tenho um grande amor por Maria, peço-lhe muitas coisas, digo-lhe para me dar um pouco das suas dores porque sinto que quero levar com ela as dores da humanidade».

Em setembro passado, pressentindo o agravamento da doença, escreveu-me: «Falando com Jesus disse-Lhe: se queres que vá para o Paraíso, fico feliz, basta que me faças santo, e isto deu-me muita serenidade. Disse-Lhe que o meu funeral deve ser um dia de festa, porque vou ter com o esposo da minha alma...». Assegurei-lhe que a sua foi deveras uma «santa viagem», demonstrada pelos frutos. As últimas semanas foram uma verdadeira «escalada», disseram os focolarinos. Vivía com uma serenidade muito grande, de alma livre e aberta às dádivas de Deus, procurando dar alegria a quem se aproximava dele. Antes de perder a consciência, repetia muitas vezes: «O amor dos irmãos e Jesus Abandonado... são a minha força». Gratos pelo cofre de amor que Enrico foi com a sua vida... ficamos unidos, na alegria do seu nascimento para o Céu.





Matteo Italiano

Difundiu a Luz

Matteo, focolarino casado de Ancona, concluiu a sua «santa viagem» no dia 19 de dezembro, rodeado pelos familiares e pelos focolarinos do seu focolar. Foi um dos primeiros da região de Marche e, com Rossana, a sua esposa, contribuiu para o nascimento do movimento Famílias Novas nesta região. A casa deles era um focolar para todos. Matteo nasceu em 1942. Professor do ensino secundário durante vários anos e mais tarde profissional liberal, empenhou-se também na atividade político-administrativa, desempenhando alguns cargos na cidade de Ancona. Representou também o Movimento dos Focolares na sua diocese, onde construiu um diálogo constante com todas as outras realidades eclesiais. O seu relacionamento com Chiara era muito profundo. Durante um encontro no Centro Mariápolis, em 1977, escreveu-lhe: «A experiência de Deus que estamos a viver contigo nestes dias faz-me sentir, com muita força, que é sempre Ele que nos chama e que nos ama em primeiro lugar. A nós resta-nos apenas corresponder ao Seu amor, permitindo-Lhe que viva em nós. E ainda em dezembro de 2001: «Depois da Missa, senti que estava no meu lugar: contigo, com as focolarinas e os focolarinos no Paraíso, isto é, a nossa casa. Não havia em mim nenhum peso ou pensamento, existia somente a paz». Desde há algum tempo que se tinha preparado para o encontro com Jesus. Sabia muito bem que o tumor no fígado, dignosticado anos antes, o haveria de levar lentamente ao fim da sua vida terrena. Foi um longo e doloroso percurso que Matteo seguiu com muita lucidez, muita dignidade e perseverança, num admirável e constante crescimento espiritual. O sorriso era a nota mais marcante, conjugado com as reflexões que fazia durante os encontros de focolar, revelando assim um grande amor por Chiara e pela Obra. Foi um exemplo de absoluta fidelidade, e, até ao último momento, com uma voz

já fraca, contava a sua experiência, encorajando os focolarinos a estimarem-se e a terem sempre Jesus no meio. Repetia: «Só isso conta».

Apagando-se lenta e progressivamente esta “vela”, que difundiu Luz até ao último momento, parecia mesmo que Matteo encarnasse plenamente a Palavra de vida que Chiara lhe tinha dado: «E predestinou-os para serem uma imagem idêntica à do Seu Filho», retirada da carta de S. Paulo (Rom 8,29). No funeral esteve presente o Presidente da Câmara de Ancona e uma delegação oficial, com a bandeira do município, em sinal de reconhecimento pelos serviços prestados como assessor durante vários anos. Pensando que Matteo tenha já chegado «a casa», com gratidão, rezemos por ele e pela sua família.



Gastone Borro

«Os céus abriam-se»

Gastone Borro, um dos primeiros focolarinos casados de Milão, chegou à Mariápolis celeste no passado dia 31 de dezembro, aos 92 anos de idade. Era casado com Rosa, também ela focolarina, e tiveram 9 filhos. Conheceu o Ideal em 1953 por meio de Guglielmo Boselli, tendo ficado muito tocado ao ouvi-lo falar sobre as Mariápolis dos Dolomites, pelo que, poucos dias depois quis ir ao focolar para saber mais. Pouco depois contava: «A ideia de que éramos todos filhos do mesmo Pai, por isso cada um irmão do outro, pareceu-me uma nova descoberta de grande beleza. Senti que tinha encontrado aquilo que procurei desde sempre». Eram coisas totalmente novas para ele, que davam resposta a uma sua situação de desconforto interior, originada por várias experiências dolorosas. Entre as quais, tinha ficado profundamente marcado, durante a segunda guerra mundial, pela trágica retirada da Rússia onde, salvando-se miraculosamente, tinha visto morrer milhares dos seus companheiros. De regresso a casa, contou a sua

descoberta a Rosa, que também aderiu ao Ideal. Juntos empenharam-se a vivê-lo com radicalidade. Em 1954, participou na Mariápolis de Vigo di Fassa e, nos anos seguintes, voltou lá com toda a família. Em 1959, Gastone escreveu a Chiara: «A minha vida era vazia e um desperdício... A pouco e pouco os céus abriram-se; descobri o que vale na vida, nasci finalmente». Seguiram-se anos serenos e harmoniosos, apesar das dificuldades da vida quotidiana, com uma família sempre a aumentar. Dizia: «Também a Providência, muitas vezes extraordinária na nossa economia, sublinhava a beleza de uma vida baseada na escolha de Deus... Mas eis que pouco depois – entre os anos '60 e '70 – a tempestade das contestações entra também na nossa casa».

Nesta situação, de acordo com Rosa, tornaram-se cada vez mais dispostos a manter a porta aberta e a continuar a dar o seu amor. Foi o momento de Gastone e Rosa aprofundarem o amor infinito de Jesus Abandonado. Acerca daquele período, Gastone dizia: «Foi o período mais rico, porque a estrada do sofrimento aceite até ao fim, permitiu-me encontrar uma relação íntima, profunda com Deus e com os outros». Em 1972, confiou a Chiara: «Senti fortemente o significado da família: um altar onde se pode oferecer cada sofrimento, que se torna ainda mais precioso se for oferecido em unidade com a mulher à qual estou ligado pelo sacramento. Assim, parece-me que pode nascer a família-focolar com toda a sua potência». Em 1986, Gastone e Rosa mudaram-se para Trento, para seguir as famílias-focolar. Já em 1965, tinha escrito a Chiara: «Estou à tua disposição, pronto para ir para qualquer parte do mundo com a família».

Nesta cidade deu muito apoio a muitas famílias e à comunidade, fazendo revelar-se cada vez mais a beleza do seu ser «guardião de Jesus no meio». Chiara deu-lhe esta Palavra de vida: «E assim como é santo Aquele que vos chamou, sede santos, vós também, em todo o vosso proceder» (1 Pt 1,15).

Com o passar dos anos, mesmo se as suas forças diminuiam, Gastone continuou a ser um tesouro com a sua humildade, o seu encanto pelo Ideal e o seu profundo amor a Jesus Abandonado.

Num dos frequentes momentos de sofrimento, escreveu: «Peço a Deus a graça de estar sempre pronto para fazer a Sua vontade e muitas vezes vem-me a dúvida de não ser capaz, mas depois dou-me conta que tudo depende da Sua presença entre nós, se estivermos unidos no Seu nome». Há alguns meses a sua saúde piorou. Foram dias vividos com Jesus no meio com Rosa, rodeado pelo amor dos filhos e da Obra. Muito gratos pelo seu testemunho de vida e unidos à sua família, rezemos para que Gastone seja recebido na alegria da Casa do Pai.

Recordamos duas voluntárias de Roma que partiram quase ao mesmo tempo no passado mês de Julho, depois de uma vida intensa de construção da Obra.

Alfia Fabrizi

«Deus te abençoe»

Alfia nasceu em Rieti (Roma) e, no final dos anos '50, com Silvio, o seu marido, conheceu o Movimento. Ficaram ambos fascinados pelo Ideal, inseriram-se de imediato nas Famílias Novas de Roma, das quais se tornaram responsáveis durante vários anos. Alfia, ao mesmo tempo sentiu a chamada a fazer parte das voluntárias, onde se tornou muito ativa e empenhada. Desde jovem que não lhe faltaram sofrimentos e provas fortes, mas o amor apaixonado por Jesus Abandonado ajudou-a sempre muitíssimo, a ponto de se tornar um apoio e luz para os filhos e muitas outras pessoas. Os sofrimentos nunca a fizeram desistir, pelo contrário, doava-se sempre no bairro, na paróquia e na Obra.

Nos últimos anos, muito provada pela partida de Silvio para o Céu, e depois pela doença, viveu cada vez mais desapegada de tudo: da sua casa – passou 10 meses num Instituto de religiosas -, dos seus hábitos, da aparência física, que cuidava por amor aos irmãos. «Deus te abençoe»



Romana Viola Toni

«Ele entrou»

«O meu caminho até hoje foi duro e fatigante – escreveu Romana em 1998, no final da escola de voluntárias em Loppiano – mas Ele, o grande Amor, que lugar teve? Terá sido verdadeiramente o meu Tudo? Não, de certeza. Mas Ele, o Amor infinito que me escolheu, esperou por mim. Esperou que em mim permanecesse o nada para que Ele pudesse entrar e preenchesse o vazio de Si. A minha alma impregnou-se de Deus, abriu-se, para minha grande admiração, ao mundo. Agradei profundamente a Jesus por me ter escolhido há tantos anos, sem dúvida não pelos meus méritos, mas pelo seu imenso amor». Romana conheceu o Ideal por volta de 1968 através de uma voluntária de Roma, tendo-se tornado também ela voluntária poucos anos depois.

Vivia um período difícil no seu casamento, também do ponto de vista económico, e isto absorvia todas as suas energias físicas e psíquicas. Mas era fiel ao encontro semanal, que considerava uma prenda pessoal de Maria, à Missa e à meditação. No núcleo, pediam juntas a Providência para ela. Não se fez esperar: Romana encontrou precisamente o trabalho que preferia: ser professora, no qual se realizou perfeitamente, quer como mulher quer como voluntária. Mas, sobre-

era a saudação com que Alfia acolhia todos. Nos últimos meses, que passou entre hospitais e centros de reabilitação, víamo-la sempre cheia de luz, graças à sua fé inabalável na força de Jesus no meio. Deixou-nos no dia 17 de Julho de 2013, aos 82 anos de idade. O seu funeral, num ambiente de festa, foi uma grande consolação para os filhos, que viram, na numerosa e viva participação, o reconhecimento de muitas pessoas pelo imenso amor que Alfia tinha dado a todos.

Bonaria Gessa

tudo, todos na família se sentiram imensamente amados por Deus, restabelecendo-se a harmonia. Foi responsável de núcleo durante alguns anos. Com as voluntárias organizava com tenacidade muitas ações para doentes e idosos.

Em 1998, depois de uma escola de voluntárias, Romana iniciou uma corrida: «Compreendi que não devo estar cheia nem sequer dos meus erros; só assim se gera Jesus no meio que faz novas todas as coisas, para poder repetir a cada momento: “És Tu Senhor o meu único bem”». Por causa de uma doença degenerativa, momentos de lucidez alternavam-se com momentos de ausência absoluta: Foi a Desolada a servir-lhe de guia e Jesus no meio dava-lhe alegria e serenidade. Deixou-nos no dia 8 de Julho de 2013, com 85 anos de idade.

Bonaria Gessa



Os nossos parentes

Passaram para a outra vida: **Dolores, mãe de Jorge Lionello Esteban**, focolarino no Centro da Obra; **Werner, pai de Ute Ihl**, focolarina na Lituânia; **M.Luiza, mãe de Eliana (Sevi) Magali Secomandi**, focolarina em Loppiano; **Alberto, irmão de Elias Khoury**, focolarino em Loppiano; **Dora, mãe de Stella Maris Hillier**, focolarina em Bahía Blanca; **Mercedes, mãe de Luisa Sello**, focolarina em Ottmaring; **Eva, irmã de Ilona Meszaros**, focolarina na Hungria; **Matilde, mãe de Fausta Giardina**, focolarina em Quito (Colômbia); **Paul, pai de Bernadette Bourjarde**, focolarina em Montreal (Canadá); **Italo (Dante), pai de Caterina Croci**, focolarina em Parma; **Vicencia, mãe de Seli Ferreira**, focolarina em Salvador (Brasil); **Rosa, mãe de Rosa De La Riva**, focolarina em Barcelona, de **Isabel e de Juan** (voluntários); **Caterina, mãe de Maria Teresa Maffoni**, focolarina casada da Mariápolis Renata; **Vincenzo, pai de Toti Ingrassia**, focolarino em Milão; **Teresa, mãe de Franco Monaco**, focolarino em Bolonha; **Rosa, mãe de Edgar Ceci**, focolarino em Roma.

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Fevereiro e março de 2014 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º, nº1a).

Pela unidade dos Cristãos

A semana de Oração pela unidade foi marcada por várias celebrações de caráter ecuménico. De assinalar o momento histórico, na catedral de São Paulo, em Lisboa, com a participação de D. Manuel Clemente, do reconhecimento do mesmo batismo em 5 denominações cristãs.

Nesta perspectiva, faz sentido olhar, colher e partilhar o que Deus construiu entre nós. Em muitas cidades o encontro da Palavra de Vida foi dedicado a esta intenção, com uma participação ecuménica. Na região da Cidadela, houve uma celebração na paróquia de São Tomé muito dinâmica, com cerca de 90 pessoas, da Igreja lusitana e católica.

Em Algueirão, ocorreu o IV encontro de cariz ecuménico onde, seguindo o caminho proposto por Chiara Lubich, se desenvolveu o chamado “ecumenismo do povo” em que os membros das várias igrejas são convidados a estabelecer relacionamentos,

de forma a viver o amor recíproco, proposto no Evangelho.

O tema do encontro – Cristo o nosso foco – foi escolhido pela comissão organizadora, constituída por evangélicos e católicos. Participaram todas as igrejas do COPIC (D. Jorge Pina Cabral – Lusitana, D. Joaquim Mendes-Católica, Pastora Eva Michel, representando o bispo Sifredo Teixeira-Methodista e Pastor Luis Matos-Presbiteriana) bem como quinze igrejas Evangélicas representadas pelos seus pastores e co-



munidades, num total de cerca de 400 cristãos.

Nas experiências concretas partilhadas, percorrendo vários mundos – a economia (Pr Salomão), a educação (Prof Doutor Carlos Borges), na investigação (Prof Nuno Calaim), na saúde (Dra Ana Raposo), no jornalismo (António Marujo), nas artes (actor Júlio Martin) ou na intervenção social (Cristina Calaim e Nuno Regueira Santos)- ficou uma plena certeza que mais nos irmanou: Jesus-Cristo é o modelo que todos seguimos para construir o mundo sonhado por Deus.

Alguns líderes – Pastor Jorge Humberto (presidente da Aliança Evangélica), D. Joaquim Mendes e D. Pina Cabral ofereceram a sua experiência de encontro pessoal com Cristo. Um grupo de louvor formado por elementos das várias igrejas, na sua maioria músicos profissionais, que fizeram igualmente uma profunda experiência de comunhão na preparação do evento, animaram o encontro e prepararam o “clima” para o momento de oração conclusivo.

Nasceram também compromissos de ações concretas quer no campo artístico quer no campo social com o empenho no desenvolvimento da plataforma comUnidade.

Um cristão evangélico disse: “o encontro não foi o resultado de algo estratégico mas a semente de algo maior: preparemo-nos para uma nova geração de discípulos que irá ser conhecida, não pelo nome da sua igreja ou tradição cristã, mas pelo amor incondicional a Deus e ao próximo.”

